

Revista appai

Educar

Informação ao Profissional de Educação



Revista Appai Educar adere à luta e prevenção contra o Câncer de Mama.

“Outubro Rosa”

Brincadeiras estimulam, desenvolvem e preparam os pequenos para a aprendizagem

Ano 15 - Nº 79 - 2012 - CIRCULAÇÃO DIRIGIDA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



www.appai.org.br

Um benefício da **appai**



Brincar: arte de conjugar subjetividade e conhecimento

Márcia Regina Fernandes Ribeiro*

No imaginário social, o verbo “brincar” está associado a uma atividade predominantemente inscrita na infância. É comum associarmos o brincar ao ato cercado de fantasia, de criatividade e de falta de compromisso com a realidade. Brincar seria, assim, do mundo do faz de conta, do jogo da liberdade de ser e fazer acontecer na fantasia.

A Psicopedagogia, área de interface entre Psicologia, Educação, Neurociência, Fonoaudiologia e outras ciências, vem enfatizando em suas pesquisas que o brincar é um espaço com maior abrangência, uma vez que se configura como um potencial do pensar em que as estruturas cognitivas e simbólicas do ser humano se convergem produzindo construções importantes tanto para ações relativas ao conhecimento como para a constituição do próprio sujeito.

Segundo Fernández:

“...entrar na zona do jogar é fazer com que algo do destino já marcado possa colocar-se em movimento. O presente perde seus contornos introduzindo outros presentes. Como se poderia fazer clínica psicopedagógica sem jogar? Sem construir no tempo-espaço transicional? Como se poderia ensinar sem jogar, sem alegria?”

Porque disso se trata o aprender: construir em alegria um outro tempo nesse tempo”. (2001, pág. 70)

Ao observar o brincar, identificamos a possibilidade de colocar em ação estruturas cognitivas que com novos desafios vão sendo ampliadas, demonstrando com clareza o processo de equilíbrio (assimilação/acomodação) constante, que constitui o ser humano. Identificamos também a matriz simbólica que irá ser responsável pelos valores e conceitos abstratos que, mesclados à atribuição de papéis, constituem base sólida na constituição do sujeito. Ao brincar, colocamos em ação a dramaticidade de situações hipotéticas que nos permitem transferir aspectos subjetivantes das tramas relacionais.

Na etimologia da palavra brincar, encontramos a ideia de entreter-se. Ao brincar, criamos a possibilidade de interagir com o outro e consigo mesmo, uma vez que colocamos em prática ideias e ações que no exercício da fantasia abrem espaço para novas descobertas.

Segundo Fernández:

“A aprendizagem é a apropriação, é a reconstrução do conheci-

mento do outro, a partir do saber pessoal. As diferentes fraturas e patologias na aprendizagem, tanto individual como socialmente, correspondem a uma não-coincidência entre o conhecimento e o saber.” (2001, págs. 140-141)

O espaço transicional do brincar não deve ser compreendido como um intervalo isolado do processo ensino-aprendizagem. Brincar não deve ficar restrito a um momento específico na sequência de tarefas que pais e filhos, professores e alunos desenvolvem no seu cotidiano. É necessário que este espaço transicional faça parte constantemente da interação entre estes sujeitos na construção de conhecimentos.

Winnicott ressalta que:

“O mundo é criado de novo por cada ser humano, que começa o seu trabalho no mínimo tão cedo quanto o momento do seu nascimento e da primeira mamada teórica. Aquilo que o bebê cria depende em grande parte daquilo que é apresentado no momento da criatividade, pela mãe que se adaptará ativamente às necessidades do bebê.” (1990, pág. 130)

A integração do sujeito com o meio ambiente que o cerca é progressiva e algo a ser alcançado. O bebê que conhecemos como uma unidade humana não é ainda uma unidade em termos de desenvolvimento emocional. No início do desenvolvimento do ser humano, vivenciamos um estado de não-integração em que ocorre uma ausência de globalização tanto do espaço como no tempo. Neste estágio, não há consciência. A partir do estado de não-integração se produz, então, a integração por breves momentos e só gradualmente esse estado se transforma em fato. Esta integração é desencadeada por fatores biológicos, psíquicos e por cuidados ambientais. Winnicott salienta que “o bebê se desmancha em pedaços a não ser que alguém o mantenha inteiro” (pág. 137).

É necessário que esse espaço transicional do brincar esteja sempre presente no desenvolvimento do ser humano. Inicialmente, como espaço potencial da sua constituição e, ao longo da sua história, como espaço de resgate de objetos e experiências que fizeram parte de sua matriz simbólica.

Quanto mais esse espaço tenha sido favorecedor de construções saudáveis na infância, mais espaços para recriar e ampliar saberes serão movimentados ao longo da adolescência e da maturidade. Constituirão vetores importantes para a progressiva independência relativa que o Homem adulto pode vir a alcançar.



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685/JF)

Colaboração
Claudia Sanches, Sandra Martins,
Tony Carvalho e Marcela Figueiredo

Estagiário
Luiz Felipe

Fotografia
Marcelo Ávila e Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 67.000 (sessenta e sete mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Edlouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Ao refletirmos sobre isto, podemos recorrer à música de Milton Nascimento e Fernando Brant, que em versos destacam que:

“Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão...”

Devemos tentar o equilíbrio entre os princípios de permanência e de mudança, uma vez que o humano, ao lidar com novos desafios, resgata as relações com o antigo, ou seja, volta a encontrar-se com o “mesmo”, para descobrir o “diferente no igual”.

Este jogo constante de olhar com olhos de estrangeiro acentua que recordar e aprender estejam imbricados, nutrimo assim a autoria do pensamento e a permissão para continuar brincando, descobrindo nossa singularidade, nossa diferença e abrindo espaço para criar.

Torna-se muito sério e lúdico pensarmos que:
“Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão
E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir



Neuroeducação: o que todo professor deve saber sobre a aprendizagem

Rita Thompson*

Ensinar é descobrir o que os alunos já sabem, ensinar o que eles vão ter de aprender e ajudá-los a realizar as associações entre os dois conteúdos.

Existem muitos estudos com o objetivo de compreender os processos que envolvem a aprendizagem. Dois autores tiveram grande influência no estudo da psicologia do desenvolvimento: Jean Piaget e Lev Vygotsky.

Mais recentemente, de enorme relevância para o conhecimento da cognição humana, tem sido a colaboração dos pesquisadores no campo da neuroeducação. Para esses autores, a aprendizagem se baseia em processos cerebrais nos quais os resultados cognitivos se ampliam paralelamente ao desenvolvimento do cérebro infantil. A mente humana é vista como um sistema cognitivo que permite ao indivíduo interagir no seu ambiente, a partir das representações mentais que faz do mundo. Busca entender as etapas que estão envolvidas no processamento da informação: observação, entrada de estímulos, sistemas sensorial e perceptual, manipulação mental, armazenamento, recuperação e ação, onde a atenção atua como o maestro de toda essa orquestração. Quando o pro-

Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade, alegria e amor
Pois não posso
Não devo
Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal

(Milton Nascimento e Fernando Brant – Bola de Meia, Bola de Gude)

Brincar não é “coisa de criança”; é exercício contínuo do ato de pensar de todo ser humano.

Referências Bibliográficas:

FERNÁNDEZ, Alicia. *Os Idiomas do aprendente*: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Artmed Editora: Porto Alegre, 2001.
WINNICOTT, D. W. *Natureza Humana* (Série Analytica). Imago Editora: Rio de Janeiro, 1990.

* **Márcia Regina Fernandes Ribeiro** é Mestre em Psicopedagogia e Psicóloga.

fessor entende como o cérebro processa, reconhece, lembra e transfere informações ao nível de circuitos neurais, sinapses e neurotransmissores e, em seguida, compartilha seu conhecimento com os alunos, a capacitação para ambos enriquece a motivação, a resiliência, a memória e os sucessos da aprendizagem. Outros aspectos citados são o lugar, a importância e o impacto das emoções no processo de aprendizagem.

Nesta nova visão, alguns manejos no espaço escolar devem ser repensados. Não somente por exigências de leis ou decretos, mas pelo reconhecimento, por parte de seus gestores e professores, de que, assim como o aluno deve aprender a aprender, a escola deve aprender a ensinar. Para tanto, ela e o professor precisam avaliar, dentre outros aspectos:

- Se o currículo está adaptado para reconhecer as janelas de oportunidade ou períodos sensíveis de aprendizagem que os alunos apresentam durante seu desenvolvimento cognitivo;
- Se o professor oferece condições de integrar os conceitos curriculares entre as diferentes áreas; e
- Se provoca em seus alunos emoções positivas, caso em que consegue melhorar a autoestima deles, obtendo assim mais sucesso nas diferentes situações de aprendizagem.

* **Rita Thompson** é Mestre em Educação, Psicopedagoga e Psicomotricista.



Qual seria o Ideb se todos fizessem a prova?

Andrea Gouvêa Vieira



A Prefeitura do Rio comemorou o Ideb 2011 das escolas da rede municipal como sinal de que sua política para a área de Educação vai bem, obrigada. Implantada em 2009, a nova política acabou com a aprovação automática, elegeu como prioridades a redução do analfabetismo funcional, a defasagem idade-série e criou uma enorme quantidade de programas e projetos.

Sem dúvida, nos últimos três anos houve avanços na Educação carioca. Nada, porém, com a dimensão de “revolução” que tem sido dada. Os resultados do Ideb 2011, na verdade, comprovam isto. Cabe, sim, satisfação pelo que se progrediu – partindo, aliás, de uma situação bem pouco lisonjeira – mas também disposição para dar mais transparência ao que se anuncia.

Vejamos, por exemplo, as “escolas de projeto”, como são chamadas aquelas onde a Secretaria de Educação testa suas experiências. Muitas alcançaram ou ultrapassaram as metas do

Ideb 2011. Os índices, porém, não traduzem precisamente a realidade porque os projetos de aceleração de aprendizagem colocam em turmas separadas alunos que não conseguem acompanhar o ensino regular. E estes alunos não foram submetidos à Prova Brasil, base da nota do Ideb. Sem eles, obviamente, a média das escolas aumenta e abre espaço para uma não justificável euforia.

Os resultados das Escolas do Amanhã também ficaram aquém do que a propaganda vem alardeando, mesmo excluindo do Ideb os alunos de turmas de aceleração. Nos anos iniciais, das dez que ficaram nas últimas posições do Ideb 2011, seis tiveram notas mais baixas que em 2009. E, entre as dez de toda a rede com pior posição no *ranking*, seis são Escolas do Amanhã.

Enquanto isso, escolas que não são “de projetos” ficam à deriva. É o caso da Municipal Oscar Tenório, na Gávea, bairro com o segundo maior IDH da cidade. A escola tem mais de 1.300 alunos, 99% deles da Rocinha. Foi o último lugar – último! – do Ideb e já havia tido média muito melhor em 2009. Fui lá para tentar entender a razão da involução. Não consegui porque a diretora estava proibida de

falar sobre a escola e sobre o Ideb. Outra que ficou entre as dez piores no *ranking* foi a George Pfisterer, também na Gávea.

Outro motivo para a estranheza mostrada pelos resultados do Ideb 2011 é que, entre as melhores escolas públicas da cidade, não há sequer uma localizada na Zona Sul. Um resultado que contraria a antiga percepção de que as escolas naquela região são melhores que as das zonas Norte e Oeste. Esse fraco desempenho também é algo que aguarda uma explicação convincente da Prefeitura.

O resultado é aquela pergunta que há décadas os cidadãos não se cansam de fazer e que as ruas acabam respondendo: Qual será o futuro dessas crianças? A sociedade – insisto sempre nisso – deve se mobilizar para cobrar da Prefeitura melhores resultados da qualidade do ensino que é oferecido às nossas crianças pela rede pública. E torcer para que quando houver, de fato, números bonitos para exibir, aí sim, eles possam ser festejados.

Andrea Gouvêa Vieira

Vereadora da Cidade do Rio de Janeiro
E-mail: falecomigo@andreagouveavieira.com.br



II SIMPÓSIO AFETIVIDADE E INTELIGÊNCIA

Contribuições da Neurociência

Dias 9, 10 e 11 de novembro de 2012

Local: Colégio Pedro II – Auditório Mário Lago

Rua Campo de São Cristóvão. 177 – São Cristóvão – Rio de Janeiro/RJ
(em frente ao Centro de Tradições Nordestinas)



Museu da Vida

Com exposições permanentes, o Museu da Vida reúne as novidades ligadas às ciências, saúde e tecnologia, buscando informar aos visitantes, de maneira lúdica e atrativa, sobre os muitos aspectos da vida agregados à qualidade, ao conhecimento e à sociabilização do homem com o seu meio.

Localizado dentro da Fundação Oswaldo Cruz, o Museu espelha a missão e o compromisso social da instituição de aproximar a ciência da população, com todos os seus avanços e processos. Entre as muitas atividades educativas oferecidas aos visitantes, o Ciência Móvel – um caminhão de divulgação cujo interior é transformado em sala para vídeos, exposições, oficinas e palestras – tem rodado por vários municípios da região Sudeste do Brasil levando conhecimento e educação através de ciência, lazer e inclusão sociocultural das populações atendidas.

Com um acervo de quase 5 mil itens, suas coleções perpassam a área científica indo ao encontro dos métodos e técnicas de ensino, destinados a colocar em prática as diretrizes da teoria pedagógica, a fim de incentivar a leitura entre as crianças.

Uma das atrações do Museu da Vida é o **Trenzinho da Ciência**, que leva seus visitantes a um passeio mágico pela

instituição. Outros espaços do passeio também garantem interação e a oportunidade de aprender sobre a vida em seus muitos aspectos. São eles: o Parque da Ciência; Ciência em Cena; Biodescoberta e O Passado e o Presente.

Visitação:

De 3ª a 6ª feira, das 9 às 16h30. Lembrando que as visitas nos dias de semana devem ser agendadas previamente. Aos sábados, o funcionamento vai das 10 às 16 horas. As turmas escolares devem ter, no máximo, 40 pessoas. Telefone para o agendamento: (21) 2590-6747. Caso não consiga entrar em contato pelo telefone, envie um e-mail para recepcaomv@coc.fiocruz.br, fornecendo sempre um telefone para contato.



Museu da Vida

Centro de Recepção

Av. Brasil, 4.365, Manguinhos

Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21045-900



Aviso importante

Lembramos que o benefício médico da APPAI é coletivo e exclusivamente na segmentação ambulatorial, não disponibilizando cobertura hospitalar e/ou internação. Logo, orientamos que não se procure as unidades médicas para esse fim, já que elas só podem realizar pela Associação o atendimento ambulatorial. Qualquer tentativa nesse sentido prejudicará bastante a relação da Appai com os profissionais colaboradores (hospitais e/ou centros clínicos), havendo o risco de que se desfaça a parceria, sem que a Associação possa evitar, num prejuízo para todo o quadro associativo.

Assim, os associados que não disponham de plano hospitalar, através da parceria opcional da Associação ou de outro particular, deverão procurar diretamente o sistema público de saúde para os atendimentos hospitalares e/ou de internação, evitando, desta forma, que as unidades médicas cobrem pelos serviços que lhes foram prestados, bem como evitando o risco de que o ambiente de atendimento procurado não seja o adequado para o atendimento hospitalar ou internação.

Vem aí

O maior baile de todos os tempos

21º Grande Baile

Beneficente dos Associados da Appai

RIBALTA EVENTOS

Av. das Américas, 9.650
Barra da Tijuca
Data: 24/11/2012
das 19 às 24 horas



Benefício Dança de Salão



Thomas Edison, o gênio da lâmpada

Fernanda L. A. Camacho

Editora da UFF – Tel: (21) 2629-5287

Na obra *Thomas Edison, o gênio da lâmpada*, a narração se concentra na infância do cientista e evolui até o momento em que ele tem a ideia da lâmpada elétrica, sua maior invenção.



Coleção Aprender e ensinar com textos de alunos

João Wanderley Geraldi/Beatriz Citelli
Cortez Editora – Tel.: (11) 3864-4290

Este livro é parte de um duplo movimento – o da pesquisa e o da mudança das práticas. Resulta tanto da vontade de compreender o que está ocorrendo em sala de aula quanto do desejo de contribuir para a construção da mudança.

A organização do trabalho escolar – Uma oportunidade para repensar a escola



Monica Gather Thurler / Olivier Maulini

Editora Artmed – Tel.: 0800 703 3444

A organização deste trabalho é em si um trabalho, uma prática pedagógica sobre a qual é necessário refletir. Esta obra mostra de que maneira se organiza a atividade escolar, como e por quem ele é determinado, em que condições pode se transformar e como a organização condiciona o encontro entre cada aluno e o saber que a escola tem a função de transmitir.



Articulando saberes na formação de professores

Selenir Corrêa G. Kronbauer / Margareth Simionato

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Os textos apresentados nesta obra buscam analisar, sob diferentes pontos de vista, o fazer pedagógico que promove a articulação de saberes na escola, na sala de aula e na formação inicial e continuada dos professores. Apresenta temas que poderão ser desenvolvidos nos sistemas de ensino e demais espaços envolvidos com a Educação.



História da matemática – Uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas

Tatiana Roque

Editora Zahar – Tel.: (21) 2108-0808

História da matemática apresenta um ponto de vista crítico em relação a como a trajetória dessa disciplina vem sendo contada até então. E acaba ainda com mitos comuns, como a ideia de que a Matemática é essencialmente abstrata e teórica, possuidora de uma estrutura rígida, já estabelecida. Com esse objetivo, ela aborda os sistemas matemáticos desenvolvidos desde a Mesopotâmia até o século XIX – passando pelo Egito antigo, a Grécia clássica, a Idade Média, a chamada Revolução Científica e os debates do século XVIII.



Como usar artes visuais na sala de aula

Katia Helena Pereira

Editora Contexto – Tel.: (11) 3832-5838

Como trabalhar artes visuais na sala de aula? Este livro apresenta um roteiro dinâmico e criativo de exemplos práticos e sugestões de atividades que vão além do simples exercício e procuram desencadear reflexões sobre arte, cultura e sociedade. Do desenho – uma das linguagens mais acessíveis – à escultura e ao grafite, este pequeno manual mostra como a leitura crítica de gravuras, retratos e pinturas pode contribuir para o desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo do aluno.



Olimpíada é tema de projeto pedagógico

Estudantes foram orientados a pesquisar sobre diferentes aspectos da cultura dos países medalhistas

Marcela Figueiredo

O Brasil será palco dos maiores eventos esportivos do mundo nos próximos anos. Pensando nisso, os professores do Colégio Estadual Antonio Figueira de Almeida, localizado no Município de Nilópolis, desenvolveram um trabalho pedagógico que teve como referência os Jogos de 2016, o *Projeto AFA Olímpico*.

Todo ano acontece na instituição uma grande atividade onde todas as turmas são envolvidas. Além de ser uma forma de integração entre professores, alunos e funcionários, esses eventos são utilizados como estratégia para fazer com que os estudantes, principalmente os do Ensino Médio, não se sintam entediados com a rotina da escola. “Por se tratar de uma atividade que não faz parte do cotidiano, eles se sentem mais interessados. Dessa forma, nós despertamos em cada um a curiosidade de pesquisar sobre outros modos de vida, o que os acaba levando a aprender”, explica a professora Martha Regina Pelluso.

Esse ano, devido à realização dos Jogos de Londres, professores e direção consideraram que seria interessante para os alunos entender a origem e tudo que envolve as Olimpíadas. A ideia foi trabalhar o tema transversal “Pluralidade Cultural” e permitir que os jovens conhecessem diferentes culturas por meio de pesquisas e trocas de informações sobre os diversos países do mundo que ocupam as primeiras colocações no quadro de medalhas.

O passo inicial foi analisar o *ranking* organizado pelo Comitê Olímpico Internacional e selecionar as nações com melhor colocação. Feito isso, cada turma foi informada sobre qual deveria estudar para a apresentação no dia da culminância.

Os estudantes teriam que levar em consideração os aspectos culturais e econômicos, além da gastronomia, a religião, a biodiversidade, a língua e todas as outras informações importantes sobre o país analisado. Cada turma dispôs de um professor orientador para sanar as dúvidas durante o período de pesquisa. No dia da apresentação, todos os trabalhos foram avaliados e contaram ponto para a nota final do bimestre.

As salas de aula foram transformadas em países e, para ambientar o espaço, os estudantes confeccionaram bandeiras, se caracterizaram, serviram comidas típicas e apresentaram números de dança. Também foram orientados a discutir, a partir de buscas em obras específicas, como os Jogos Olímpicos foram originados e o porquê de sua importância.

Para Martha Pelluso, trabalhar com um tema que está em evidência é uma forma de despertar o interesse dos jovens e fazer com que eles adquiram novas informações. “Nesse projeto, nós procuramos ampliar o conhecimento dos alunos e favorecer a que eles aprendessem sobre outras culturas. Tentamos também levá-los a perceber a importância e o objetivo das Olimpíadas”, completa a professora.

C. E. Antônio Figueira de Almeida
Estrada Mirandela, 402 – Centro – Nilópolis/RJ
CEP: 26520-332
Tel.: (21) 3761-0343
E-mail: colegioafa@oi.com.br
Fotos cedidas pela escola



Aprenda a dançar

Os espaços de dança localizados nas zonas Norte, Sul, Oeste, Baixada, Niterói, São Gonçalo, Maricá e Magé marcam presença oferecendo aos participantes ritmos que vão desde o samba até a salsa, passando pelo soltinho, o bolero, o zouk e o forró.



Ritmos Tradicionais

Bolero, Soltinho e Samba

Ritmos sequenciais

Duração de 16 horas-aula
cada ritmo

Ritmos Quentes

Zouk, Salsa e Forró

Ritmos simultâneos

Duração de 16 horas-aula
Módulo com três ritmos



Informações e inscrições: appai.org.br

OUTUBRO ROSA



No mês mundial de conscientização da luta contra o Câncer de Mama, o movimento *Outubro Rosa*, simbolizado por um laço na cor rosa, prevê várias atividades a fim de massificar e alertar as mulheres acerca da importância da identificação da doença em sua fase inicial. Para marcar a sua participação na Campanha *Outubro Rosa*, na segunda quinzena do mês, a Appai convidará um especialista da área para falar sobre o câncer de mama, seus sintomas, a forma de detecção indicada, além de esclarecer as dúvidas a respeito da doença.

De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (Inca), a doença é o segundo tipo mais frequente no mundo respondendo por 22% dos novos casos a cada ano. Segundo os especialistas, se diagnosticado e tratado a tempo o prognóstico é relativamente animador. Entretanto, o índice de morte no Brasil ainda é bastante alto. Para a equipe do Inca, que cuida dessa área, isso está possivelmente ligado ao fato de que a doença ainda é diagnosticada em fase já avançada.



Veja algumas dicas do Inca e do Ministério da Saúde para ajudar na ação preventiva do câncer de mama:

O que é câncer de mama?

É uma doença causada pela multiplicação anormal das células da mama, que forma um tumor maligno. O câncer de mama tem cura, se descoberto no início.

Como é possível descobrir a doença cedo?

Por meio da realização de alguns exames, principalmente do exame clínico das mamas e da mamografia. Todas devem ter cuidados com sua saúde, mas, para o controle do câncer de mama, algumas mulheres devem realizar exames periodicamente, mesmo que não tenham alterações em suas mamas. O diagnóstico precoce aumenta a chance de cura do câncer de mama.

Quem deve fazer exames periodicamente?

Toda mulher com 40 anos ou mais deve procurar um posto de saúde para ter suas mamas examinadas por um profissional de saúde anualmente. Entre 50 e 69 anos, a mulher também deve fazer uma mamografia a cada dois anos. O risco de câncer de mama aumenta com a idade.

E as mulheres com história familiar de câncer de mama?

Uma parte delas tem herança genética e, por isso, é importante que procurem o médico para avaliar seu risco de desenvolver a doença. A mulher com mãe, irmã ou filha que teve câncer de mama antes dos 50 anos, ou câncer de ovário, deve, a partir dos 35 anos, realizar o exame clínico das mamas e a mamografia uma vez por ano.

O que é o exame clínico das mamas?

É o exame em que o médico ou enfermeiro observa e apalpa as mamas de sua paciente na busca de nódulos ou outras alterações.

O que é mamografia?

É uma radiografia das mamas, realizada por um equipamento chamado mamógrafo. É feita uma compressão das mamas para visualizar pequenas alterações, o que permite descobrir o câncer de mama em fase inicial.

E o que a mulher pode fazer?

Conhecer o que é normal em suas mamas e ficar atenta para eventuais alterações. Se observar alguma alteração, a mulher deve procurar imediatamente um médico.

Como a mulher pode perceber a doença?

O câncer de mama pode ser percebido pela mulher como um caroço, acompanhado ou não de dor. A pele da mama pode ficar vermelha ou parecida com uma casca de laranja ou surgirem alterações no bico do peito, o mamilo. Também podem aparecer pequenos caroços na região embaixo dos braços, nas axilas. Lembre-se de que nem sempre essas alterações são sinais de câncer de mama.

O que mais a mulher pode fazer para se cuidar?

Não abusar de bebidas alcoólicas, não fumar, alimentar-se bem e praticar atividade que movimentem seu corpo podem ajudar na prevenção de várias doenças, inclusive do câncer. Além disso, a amamentação e o controle do peso corporal podem prevenir o câncer de mama. Se a mulher for se submeter a reposição hormonal, é importante que converse com seu médico sobre riscos dessa prática.

Informações extraídas do "Folder sobre Câncer de Mama (para a população) – 2011" — Programa Nacional de Controle de Câncer de Mama do Inca.



6 erros que escolas cometem ao tentar se diferenciar

Com o aumento da concorrência entre instituições de ensino, cada aluno (ou pai) assume uma importância ainda maior. É necessário garantir o lucro da instituição de ensino no final do mês – ou, ao menos, pagar as contas.

Segundo Michael Porter, uma das maiores autoridades mundiais em estratégia competitiva, autor dos livros “Estratégia Competitiva” e “Vantagem Competitiva” (Editora Campus), existem somente duas maneiras de se obter essa vantagem: custos baixos e diferenciação.

Esses dois conceitos formam a base de toda a estratégia face à concorrência, mas a lucratividade de uma escola não depende somente do seu posicionamento em relação aos concorrentes: depende também da estrutura do setor em que atua. Por isso é tão importante que os diretores conheçam perfeitamente o ramo em que competem.

O que é se diferenciar? Todos concordamos que é necessário diferenciar-se para conseguir competir de maneira vantajosa no mercado. Mas por que algumas ações não dão resultado ou, pior ainda, trazem prejuízos às empresas que tentam implantá-las? É muito simples: porque nem todo esforço de diferenciação é útil à escola. Imagine gastar uma fortuna para ter, em sua escola, o melhor campo de beisebol do Norte/Nordeste do Brasil. Alguma outra instituição tem? Não. Vai ajudar a atrair alunos? Alguém vai ver aquele campo como uma vantagem?

Para Porter, existem seis erros básicos cometidos frequentemente por empresas quando tentam desenvolver uma estratégia de diferenciação. Vejamos quais são e como evitá-los:

1. Ofertar um serviço que, apesar de melhorar as condições da escola, não é visto como tal pelos alunos e pais.

Como diz aquele ditado: percepção é realidade. Se os alunos não enxergarem em sua escola alguma coisa em que ela é melhor que as outras, então ela não é melhor e ponto. Para evitar isso, é necessário um esforço da escola na educação dos seus possíveis alunos. É preciso mostrar através de fatos e estatísticas. Não é dizer “O ensino aqui é muito bom”, é mostrar os porquês dessa afirmação. Apresente a qualificação dos professores, a atualização da biblioteca, os seus alunos da quinta série que passaram no vestibular de medicina. O importante é que todo diferencial de sua escola deve ser ilustrado e mostrado aos pais e alunos. Use muitas frases e afirmações de ex-alunos e pais. A opinião de outras pessoas dá mais veracidade e peso às qualidades de sua escola.

2. Exceder as necessidades dos alunos.

No afã de oferecer o máximo a seus possíveis alunos, muitas escolas acabam introduzindo novidades totalmente desnecessárias e



supérfluas como, sei lá, um *sushiman* na cantina. Mesmo que isso não altere muito o valor da mensalidade, é claro que esses “extras” pesam na carteira e não dão, em troca, uma educação de mais qualidade. É importante dar o melhor para seus alunos, mas é mais importante ainda dar o que eles consideram que seja melhor. O que faz diferença para eles: o que é apenas agradável, o que é supérfluo?

3. Fixar preços muito altos.

O preço alto tem algumas vantagens: margens gordas (que ajudam na administração, pois podem ser distribuídas na forma de salário melhor para o corpo docente), elitização, *status*, mais dinheiro para *marketing* e propaganda etc. Mas isso tem um limite, ou seja, a carteira dos pais e alunos. O essencial é descobrir qual é o preço que os possíveis clientes estão dispostos a pagar e que seja vantajoso para sua instituição de ensino. Às vezes isso é fácil de fazer, mas em outras situações o problema é bem mais complicado, pois deve também levar em conta restrições governamentais e a reação da concorrência.

4. Não compreender os custos envolvidos na diferenciação.

Vamos dizer que um colégio queira se diferenciar e passe a oferecer computadores com impressoras e acesso à Internet em todas as salas de aula. Por causa desses extras, há um aumento de matrículas. Só que tem um problema: os alunos passam horas conectados à Internet (aumentando a conta de telefone da instituição e congestionando suas linhas) e muitos acabam estragando a impressora, por não saberem usá-la corretamente. E não vamos nem mencionar o risco de vírus. No final das contas, o colégio acaba gastando mais dinheiro com consertos do que ganha com novos alunos. Eles podem adorar, mas do que adianta se a escola está perdendo dinheiro? Caso não seja possível recuar, devido a pressões competitivas, o melhor é procurar um meio-termo ou

buscar parcerias que permitam a redução de custos nessa diferenciação.

5. Não reconhecer segmentos de mercado.

Muitas oportunidades são perdidas porque as escolas não reconhecem pequenos nichos (às vezes não tão pequenos assim) nos quais poderiam ser líderes sem grandes esforços. Basta adaptar o que já tem à realidade e exigências do público nesses nichos.

Essa adaptação e agilidade são compensadas com alunos fiéis – muitas vezes com altos níveis de lucratividade –, já que pessoas geralmente estão dispostas a pagar um pouco mais por serviços que sejam específicos para sua realidade. Exemplos disso são os colégios destinados a filhos de estrangeiros no Brasil, cursos de línguas específicos para executivos, entre outros.

6. Criar uma diferenciação que os concorrentes consigam imitar facilmente.

Vantagem competitiva verdadeira é aquela exclusiva da sua empresa. Isso pode ser feito de várias maneiras:

— trabalhando a imagem: sua escola é tradicional, tem séculos de existência? É fundamentada em valores de determinada religião/corrente de pensamento? Use isso.

— investindo dinheiro: construindo e equipando ginásios, bibliotecas, laboratórios de química e informática etc. Esse tipo de diferenciação tem vida curta. Em pouco tempo, dependendo de seus concorrentes, deixa de ser diferenciação e passa a ser um “eu-também”. “Eu também ofereço laboratório”, “eu também tenho biblioteca” etc. Se for investir, o faça em algo só seu.

— através do estímulo na criatividade dos funcionários da instituição. Esta é a melhor e, via de regra, mais barata maneira de se diferenciar. Ideias que levam a constantes ações inovadoras são o maior diferencial que sua escola pode ter.

Matéria extraída da Revista Profissão Mestre nº 26



Trabalhando a aprendizagem de forma **significativa**

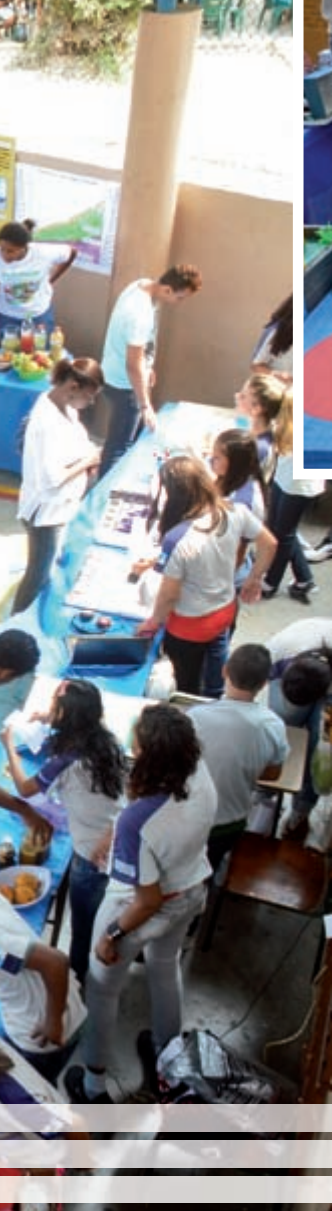
Alunos exploram a prática a fim de deter um conhecimento mais profundo dos temas

Tony Carvalho

Com o objetivo de oportunizar aos alunos e à comunidade escolar a participação em um processo de construção dos princípios científico-culturais, por meio da exposição de trabalhos resultantes das pesquisas desenvolvidas e dos experimentos vivenciados, o Colégio Estadual Francisco Assumpção, em Nova Iguaçu, promoveu mais uma edição da *Feira de Ciências*. Este ano, o tema que norteou os projetos envolveu questões ligadas à saúde e à qualidade de vida, que resultam de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais, modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano.

O trabalho envolveu alunos do Ensino Médio e o corpo docente das disciplinas de Matemática, Física, Química e Biologia, além das turmas do pós-médio técnico de Administração. Do ponto de vista metodológico, a feira de ciências é o momento de apresentação das experiências realizadas em sala de aula, contemplando procedimentos práticos, aprofundando estudos e desenvolvendo o espírito criativo. “O evento não é um espetáculo, mas uma aula diferenciada, constituída de três etapas: na primeira, há o trabalho de preparação e organização dos alunos para a pesquisa sobre o tema; na segunda etapa são realizadas as montagens e apresentações dos estudantes para os professores ainda em sala de aula, quando são feitos os últimos ajustes. A terceira etapa é a culminância da feira, aberta para a comunidade escolar”, explica a diretora adjunta Maria Clara Kurka.

Cada turma foi dividida em quatro grupos que ficaram responsáveis por um subtema de cada uma das disciplinas envolvidas no projeto. Os professores de Física estimularam os alunos a construir conhecimentos que lhes permitis-



Cada turma abordou subtemas ligados a Matemática, Física, Química e Biologia

sem um olhar crítico em relação às fontes renováveis. As turmas do 1º ano abordaram a energia eólica: os jovens fizeram maquetes de moinhos de vento, cartazes explicando o funcionamento das turbinas geradoras de força e as vantagens e desvantagens da utilização dessa fonte. As turmas do 2º ano apresentaram estudos sobre as hidrelétricas, destacando as etapas em que se transforma a força das águas em energia, abordando também os impactos ambientais, utilizando maquetes que simularam o funcionamento das usinas. Os alunos também enfocaram a energia maremotriz, obtida através da movimentação das águas dos oceanos, provocada pelas marés, enquanto as turmas do 3º ano montaram réplicas de casas sustentáveis, enfatizando aspectos como o uso racional da água, eficiência energética, preferência por materiais ecologicamente corretos e preservação ambiental.

“Procuramos conciliar o conteúdo da disciplina com os subtemas propostos para cada turma. Durante as aulas, reservamos um tempo para orientar as pesquisas e acompanhar o andamento das atividades”, esclarece o professor Vinicius Munhoz.

Os grupos responsáveis pelos trabalhos de Matemática exploraram os conceitos e procedimentos de geometria, trigonometria, gráficos, porcentagem e estatística. “O projeto possibilitou ao aluno compreender na prática a aplicação dos conhecimentos adquiridos teoricamente em sala de aula”, afirma a professora Quezia Vargas. Já os que se encarregaram de Química e Biologia abordaram subtemas ligados ao desperdício e alimentação saudável, enfermidades ocupacionais, obesidade, estruturas moleculares, ácidos e bases do cotidiano, genoma, células-tronco, entre outros.

“Procuramos estimular os estudantes a pesquisarem assuntos atuais e necessários à qualidade de vida, desenvolvendo hábitos saudáveis e despertando interesse por temas como a biotecnologia”, destaca a professora Ângela de Oliveira. Os alunos do pós-médio técnico em Administração apresen-

taram atividades que eles desenvolvem nas

áreas de meio ambiente, inclusão no mercado de trabalho e ações sociais. “O curso está ajudando a transformar o futuro de muitos jovens da comunidade. Ficamos felizes com os resultados e gostaríamos de dar continuidade a esse projeto. Contudo, a possibilidade de extinção de cursos técnicos na rede estadual é preocupante”, avalia o professor Walnei de Oliveira.

Durante a culminância, o desempenho dos jovens foi avaliado de acordo com os seguintes critérios: domínio de conteúdo, relevância social, participação dos integrantes da equipe, aspecto visual do trabalho e organização geral. Ao final, a turma que obteve maior número de pontos na avaliação dos critérios ganhou um passeio especial. “Tive a oportunidade de acompanhar todo o processo de produção da atividade, observando o empenho dos alunos na tentativa de fazer o melhor possível. A feira é importante também por estimular a socialização, promovendo o senso de equipe”, diz a orientadora educacional Alcione Fernandes Pinto. A diretora-geral Simone Marques também concorda que a feira desenvolve no estudante uma ação democrática de participação coletiva: “O projeto permite a troca de experiências, libera o aluno para um pensar criativo em que a sua capacidade de comunicação é exercitada. A feira de ciências é um desafio para o professor e para o aluno, pois é o momento de mostrar concretamente o que foi apreendido”.

Para a coordenadora pedagógica Elizabeth Lima, a proposta é trabalhar de forma significativa a aprendizagem, “pois ela só acontece quando existe sentido. O aluno se pergunta: eu vou aprender essas questões para aplicar em que momento da minha vida? A intenção principal do projeto é mostrar onde os conceitos das áreas de exatas e de ciências são colocados em prática nas nossas vidas”, finaliza.

Colégio Estadual Francisco Assumpção
Rua João Ferreira Pinto, s/nº – Bairro Ponto Chic –
Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26030-520
Tel.: (21) 2658-3622
E-mail: cefa1@ig.com.br
Diretora-geral: Simone Marques do Nascimento
Fotos: Marcelo Ávila



Intercâmbio filosófico

Tony Carvalho

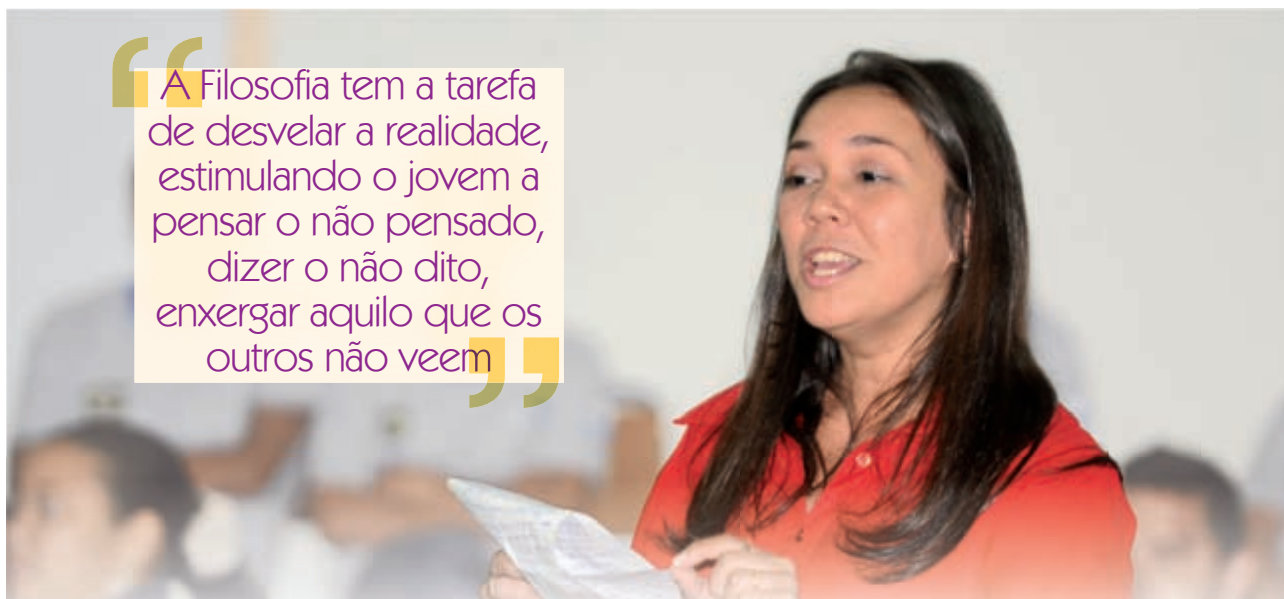
Eureka (εὕρηκα), famosa exclamação atribuída ao matemático grego Arquimedes, que significa “encontrar”, é usada como celebração de uma descoberta, um achado ou o fim de uma busca. E foi essa palavra que a professora de Filosofia Fabiana Lourenço definiu como tema do 1º Café Filosófico do Ciep 350 Túlio Roberto Cardoso Quintiliano, em Duque de Caxias. O projeto promoveu um intercâmbio entre estudantes do Ensino Médio da escola e do Colégio Estadual República de Guiné Bissau, em Cordovil. Segundo Fabiana, que leciona nas duas instituições, a proposta foi trazer a complexidade da disciplina para o cotidiano dos alunos. “A Filosofia tem a tarefa de desvelar a realidade, estimulando o jovem a pensar o não pensado, dizer o não dito, enxergar aquilo que os outros não veem. Fazê-los entender que se trata de um estudo que representa uma atitude diante da vida. Filosofar é descobrir, aprender e apreender a realidade”, justifica.

O projeto se desenvolveu da seguinte forma: durante três meses, alunos das duas escolas trocaram cartas usan-

do pseudônimos. No conteúdo não era permitido colocar e-mails, telefones ou qualquer outra forma de contato. Semanalmente, as correspondências eram trocadas entre seus interlocutores, e a professora Fabiana fazia o papel de carteiro, transportando-as de uma escola para outra. “Nesse intercâmbio, muitos temas estiveram inseridos: a filosofia de Platão sobre a aparência e os sentidos que, segundo ele, nos distancia da realidade. E como a aparência esteve presente no intercâmbio! Uns queriam parecer pessoas mais legais, mais inteligentes, outros, mais bonitos. E o que é o Belo? Onde está a beleza? Na aparência? No juízo? Alguns perceberam que a beleza não é tão importante assim, pois passaram a gostar uns dos outros sem se conhecer, de modo que a aparência passou a não ser prioridade”, constata Fabiana.

Durante o projeto, a curiosidade, característica peculiar dos filósofos, falou mais alto. Os jovens queriam descobrir com quem estavam falando e, em sala de aula, levantavam questões como “é possível ter amizade com quem não conheço?” ou “conhecer é somente ver?”. Era a senha

“A Filosofia tem a tarefa de desvelar a realidade, estimulando o jovem a pensar o não pensado, dizer o não dito, enxergar aquilo que os outros não veem”



para que a professora abordasse outros temas filosóficos. “O projeto ajudou a decodificar a disciplina, que na cabeça dos alunos era distante da realidade. Agora eles passaram a perceber que a Filosofia está no cotidiano de cada um. Como gestores, temos de apoiar iniciativas como essa e incentivar o desenvolvimento de novos projetos”, declara a diretora-geral do Ciep 350, Dayse Ferreira.

As diretoras adjuntas Vanda Barbosa e Rosangela Alves também acompanharam o envolvimento dos alunos no projeto. Segundo elas, o grande diferencial é que a atividade iniciada em Filosofia acabou agregando outras disciplinas como Artes, Literatura e Língua Portuguesa. O professor desta última, Enemésio Mendes, aproveitou a confecção das cartas para estimular os estudantes na melhora do vocabulário e na prática da língua. “O projeto incentivou sobremaneira a produção textual, o pensar e a forma como se vê o outro. Dele pude extrair alguns estudantes para a Olimpíada de Língua Portuguesa, promovida pelo MEC”, constata. O aluno do 3º ano Daniel Rodrigues é um deles. “Durante a atividade,

me correspondi com Nina. A experiência foi instigante, pois ficava imaginando como ela seria. Nas cartas abordávamos vários assuntos como literatura, esporte, escola, família, trabalho e descobrimos que a Filosofia estava presente em tudo”, afirma. Wagner Rodrigues do Nascimento é outro aluno que aprovou o intercâmbio: “O projeto nos ajuda não só a desenvolver a escrita como também na forma de pensar e agir em relação aos outros”, sintetiza.

A orientadora educacional da Secretaria de Educação, Marineide Silva de Campos, integrante do grupo de trabalho que visita escolas da rede, acompanhou todas as etapas do projeto e deu o seu veredito: “O trabalho que a professora dessas duas escolas desenvolveu traz uma outra visão da Filosofia, mostrando ao aluno que a disciplina não aborda apenas o estudo dos pensadores mas também traz uma aplicação para o nosso cotidiano”. Após a culminância do projeto, a professora Fabiana estava feliz com o resultado obtido: “A atividade, mesmo não valendo nota, despertou o interesse de muitos, que, apesar de não conhecerem a outra pessoa que estava

por vir, simplesmente ficavam satisfeitos. Aquela felicidade aristotélica que o homem tanto anseia. E é essa busca, a investigação, a sensação de prazer e felicidade que é a trajetória do filósofo. Se cada um dos alunos que participaram do intercâmbio sentiu isso, certamente entendeu o que é a Filosofia e, assim, finalmente todos puderam gritar EUREKA!”.



Ciep 350 Túlio Roberto Cardoso Quintiliano
Av. Parque das Missões, s/nº – Parque das Missões –
Duque de Caxias/RJ
CEP: 25085-000
Tels.: (21) 2334-7516 / 2334-7511
E-mail: ciep350@educacao.rj.gov.br
Diretora-geral: Dayse Ferreira
Fotos: Marcelo Ávila



Iwi Pitikai

Projeto estreita relação com outras culturas e abre uma nova visão de mundo aos alunos

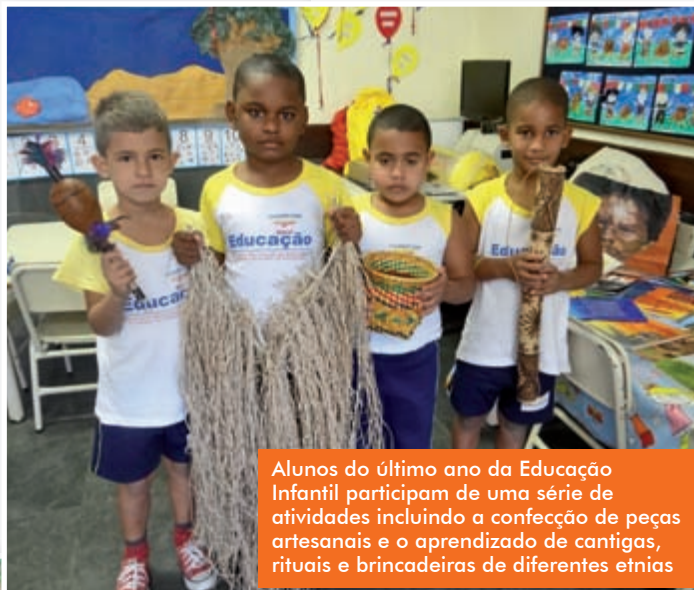
Tony Carvalho

A escola é o lugar de construção, não só do conhecimento, mas também da identidade. O Brasil, formado a partir das heranças culturais europeias, indígenas e africanas, não contempla, de maneira equilibrada, essas três contribuições no sistema educacional. O estudo da literatura e da cultura indígena só começou a ganhar espaço na sala de aula após a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, sancionada pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, que torna obrigatória a inclusão do ensino da história e das culturas afro-brasileira e indígena nos currículos das escolas públicas e particulares nos níveis Fundamental e Médio.

No entanto, os especialistas admitem que ainda há um longo caminho até que a Pedagogia e os livros didáticos deixem de apresentar uma visão eurocêntrica que perpetua estereótipos e preconceitos. Mesmo assim, algumas escolas já realizam excelentes projetos no intuito de valorizar essas

culturas. É o caso da Unidade Municipal de Educação Infantil Renata Gonçalves Magaldi, localizada em Niterói. Lá, as professoras Eliete Dias Andrade e Elisângela Rodrigues da Silva desenvolvem com os alunos do último ano da Educação Infantil (Grei 5) o projeto *Iwi Pitikai*, termo que significa “pequena semente”, na língua Ze’engté do povo Guajajara do Maranhão, tronco da língua tupi-guarani.

De acordo com a professora Eliete, a atividade é trabalhada com a turma desde o início do ano, mas a sua formação já acontece há seis anos, quando as duas educadoras ingressaram na escola. “Mesmo em classes separadas, eu e Elisângela já desenvolvíamos projetos ligados à educação através da cultura indígena. Somos especialistas no assunto formadas pela UFF. Nós nos conhecemos lá e, por acaso, naquele mesmo ano viemos trabalhar nesta escola e começamos a colocar em prática o estudo realizado em nossa formação acadêmica”, relembra.



Alunos do último ano da Educação Infantil participam de uma série de atividades incluindo a confecção de peças artesanais e o aprendizado de cantigas, rituais e brincadeiras de diferentes etnias



O projeto consiste em contações de histórias, ensino de cantigas, rituais, brincadeiras e da língua de diferentes etnias, além da confecção de peças artesanais e da vinda mensal de representantes indígenas. Em abril, as crianças receberam a visita de Afonso Apurinã, do Acre, que contou uma outra versão da história do boto-cor-de-rosa. Em maio, foi a vez de Urutau Wazazara, da etnia Guajajara. Ao visitar a turma ele levou sua esposa e filha para falar sobre a vida na aldeia e repassar um pouco da cultura de seu povo. No mês seguinte, as crianças receberam Zahy Guajajara, professora, escritora e atriz indígena. Ela ensinou novas palavras na língua Ze'engté e outras cantigas utilizadas em rituais na aldeia. "Ao trazermos as culturas indígenas para a sala de aula, aos poucos, vamos dando fim a estereótipos que acabam funcionando como grandes motivadores de preconceito e discriminação", afirma a professora Elisângela.

Após cada visita, os alunos produzem desenhos, pinturas e cartazes, fazendo a reconstrução da história contada. É o momento em que as professoras aproveitam para explorar os conteúdos relacionados ao meio ambiente e à construção da leitura e da escrita.

"Quando trabalhamos a contação de histórias, as crianças escutam e recontam, num processo de letramento", explica Eliete. A pedagoga Priscila de Araújo Garcez enfatiza que a atividade desenvolvida com a turma vem ao encontro do projeto da escola este ano, que aborda temas relacionados a identidade, saúde, autonomia, esportes, diversidade cultural e meio ambiente. "O projeto proporciona às crianças a oportunidade de desenvolver competências e habilidades necessárias à construção do senso crítico, organização do pensamento e, principalmente, o respeito à diversidade presente em nossa sociedade. As atividades não acontecem somente em um determinado período (mês de abril, por exemplo, por conta do dia do índio), mas ao longo do ano, pois, dessa maneira, a temática indígena não é apresentada de forma folclórica ou romanceada, tão comum no ensino tradicional, mas de modo a permitir uma reflexão significativa a respeito da sua cultura. Nossos alunos, portanto, estão tendo contato com um trabalho rico, diversificado e profícuo, que certamente já está contribuindo com o desenvolvimento e aprendizagem dos mesmos", avalia.

Para a diretora-geral Roséli Freitas Procópio de Toledo, toda a comunidade escolar sai ganhando com o projeto. "É fundamental que, desde cedo, as crianças aprendam a respeitar diferentes culturas, despertando uma nova relação com variadas visões de mundo, proporcionando condições para o desenvolvimento intelectual e a formação de princípios individuais para medir e codificar os próprios sentimentos e ações. É um processo contínuo em que elas aprendem e ensinam aos pais", conclui.

Umei Renata Gonçalves Magaldi
Travessa Aires Lemos, s/nº – Fonseca – Niterói/RJ
CEP: 24130-616
Tels.: (21) 3603-8242 / 3603-8244
E-mail: r_magaldi@educacao.niteroi.rj.gov.br
Diretora-geral: Roséli Freitas Procópio de Toledo
Fotos: Tony Carvalho



Escola solidária

Marcela Figueiredo

A proposta pedagógica da Escola Estadual Lia Márcia Gonçalves Panaro, localizada em Duque de Caxias/RJ, tem a solidariedade como um dos seus pilares. Os profissionais sempre procuram estar envolvidos em ações de voluntariado e buscam atrair a atenção dos estudantes para este tipo de comportamento. Com o objetivo de promover a reflexão e incentivar atitudes de cooperação nos educandos, a escola desenvolveu o projeto *Lia Márcia no Caminho da Solidariedade*, que teve como principal atividade a visita orientada a instituições sociais que têm como princípio o cuidado com o ser humano. Os estudantes visitaram três locais que cuidam de crianças, idosos e pessoas com deficiência. A proposta foi viver, literalmente, a realidade das pessoas atendidas, superando preconceitos e identificando as diferenças e os problemas sociais

existentes nas comunidades circunvizinhas da escola. “Todos nós queremos nos tornar seres humanos melhores e, para sermos sensíveis à realidade, precisamos vivenciar algumas experiências”, destaca o professor e idealizador do projeto, Adilson Geroncio.

Com a atividade, os estudantes puderam levar às instituições parte das ações desenvolvidas na escola. Na Creche Comunitária do Jardim Gramacho e na Pesagem da Pastoral da Criança foram entregues materiais de limpeza arrecadados na Gincana Esportiva e Cultural e foi apresentado o projeto *10 Minutos Contra a Dengue*, ambos desenvolvidos no colégio.

Os alunos do 3º ano do Ensino Médio encenaram para os idosos da Mansão da Esperança coreografias de dança de salão dos anos 1980, levando entretenimento e alegria aos acolhidos, além da realização de atividades de pintura nas crianças e embelezamento nas idosas.

“Com o projeto, os alunos são chamados a exercer seu papel como cidadãos. Eles foram estimulados a refletir sobre a sua função na sociedade e a pensar qual é a tarefa de cada um para a mudança da realidade dos locais visitados”, explica Adilson.



Estudantes do C. E. Lia Márcia Gonçalves Panaro visitam instituições sociais e participam de atividades com idosos, crianças e pessoas com deficiência



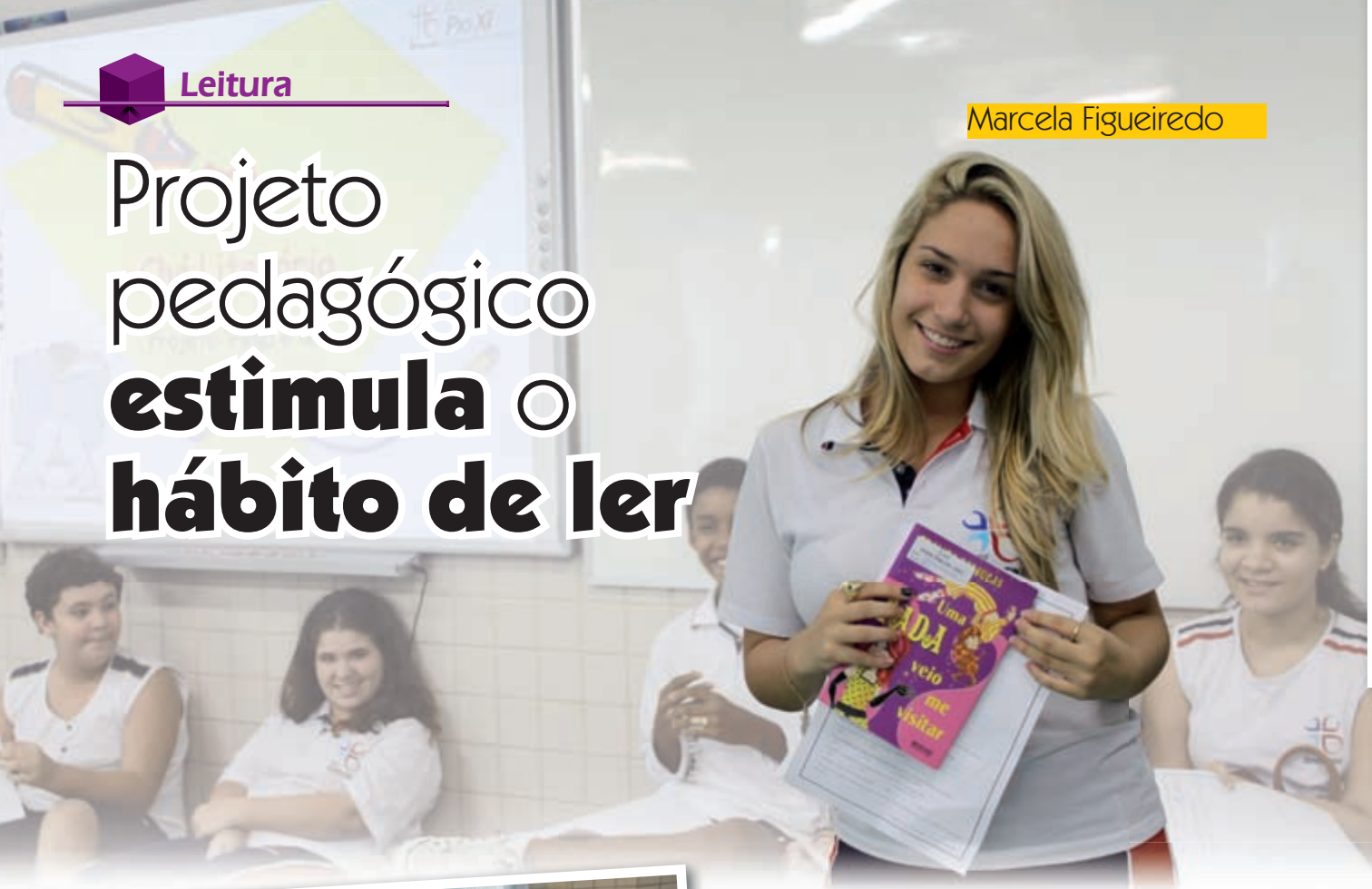
Antes da visita, os jovens foram orientados a observar o que viam, o sentimento das pessoas no momento da chegada e o que estavam aprendendo e ensinando em cada instituição.

Nas visitas foram feitas imagens dos locais para que, durante a atividade "Trocando Conversa", os educandos pudessem refletir e compartilhar experiências acerca do que foi vivenciado. Para surpresa dos educadores alguns estudantes manifestaram interesse em voltar aos locais para prestar algum tipo de serviço. Outros diziam querer levar os amigos e a família para conhecer o trabalho das instituições. Como diz o idealizador do projeto, "mais pessoas foram sensibilizadas".

Colégio Estadual Lia Márcia Gonçalves Panaro
Av. Brasil, s/nº – Vila São Luiz – Duque de Caxias/RJ
CEP: 25065-170
Tel.: (21) 2671-1420
E-mail: liamarciagp@yahoo.com.br
Direção: Francisca Erivan M. Medina
Fotos cedidas pela escola



Projeto pedagógico estimula o hábito de ler



Certo dia, ao analisar o comportamento dos alunos, os professores do Instituto Pio XI perceberam que alguns conceitos sobre o desejo e o comportamento dos adolescentes estavam incorretos. A teoria de que os estudantes da atualidade não gostam de ler estava sendo, no mínimo, questionada. É o que diz o professor Eloir Bravim: “Nós percebemos que eles apreciam, sim, a leitura. Mas gostam de ler o que querem e não o que nós indicamos”, explica.

No decorrer do ano letivo, os profissionais do colégio foram percebendo que os educandos tinham apreço pela literatura infantojuvenil atual, a chamada por alguns de “nova literatura”, que reúne títulos como “Crepúsculo” e “Harry Potter”. Foi assim que surgiu o projeto interdisciplinar *Pega e Lê*, cujo objetivo principal foi aguçar o desejo dos adolescentes do 8º ano do Ensino Fundamental para títulos “despretensiosos”, que, segundo os professores, podem levar aos clássicos.

Para isso, foi proposta aos alunos a leitura de um livro e, ao final de cada bimestre, eles fariam a troca das obras em um “Chá Literário”. A escolha do título ficaria a cargo do leitor. Durante



“ Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história

Bill Gates



lançamento do quarto livro”, revela a pequena Mayara Maciel, de apenas 12 anos.

“O projeto *Pega e Lê* me incentivou mais ainda na leitura. Os alunos tiveram mais oportunidade escolhendo obras de sua preferência. Havia livros de todos os gêneros: ação, romance, aventura, drama, comédia. Eram tantos e tão maravilhosos que fiquei em dúvida sobre qual ler”, declara a estudante Juliana Vilardo.

Outro fato inusitado é a participação de diferentes disciplinas em um projeto de leitura. Além das já esperadas Redação e Língua Portuguesa, os docentes de História e Geografia

participaram intensamente da atividade. O professor Eloi Bravim, por exemplo, leciona Geografia e tem uma justificativa bem consistente para ter abraçado o projeto com tamanho afinco: “Em qualquer disciplina a interpretação é necessária e, quando o aluno percebe que uma atividade envolve várias matérias e muitas pessoas, ele acaba valorizando ainda mais o trabalho”, ressalta.

Além da leitura e da troca de experiência com os outros membros da turma, os estudantes escreveram um relatório no qual contam a sua experiência com o livro escolhido. O resultado do projeto foi tão positivo que outro “Chá Literário” já está agendado para o segundo semestre.

o Chá cada aluno faria a apresentação do livro escolhido, vendendo a ideia de que o título é legal e expondo os motivos pelos quais ele indicava, ou não, a leitura do exemplar aos demais estudantes.

O objetivo inicial foi desenvolver a atividade com alunos da mesma turma, mas o sucesso foi tanto que já se pensa em um novo formato para o trabalho, onde estudantes de diferentes classes possam trocar suas experiências com um grupo maior de participantes. O resultado já é percebido na escola: jovens que não tinham o hábito da leitura se interessaram por títulos de sua faixa etária, enquanto outros, após terminarem um exemplar, quiseram comprar toda a coleção. Houve ainda estudantes de outras séries querendo participar do projeto.

A declaração dos alunos revela o quanto o projeto já rendeu frutos: “O primeiro encontro foi bastante divertido; levei um livro e contei minha experiência. No segundo momento, mesmo com certo preconceito, peguei um de gênero diferente do que eu costumava ler, mas acabei gostando tanto que devorei os outros três da mesma saga em uma semana. Estou lendo mais e aguardando ansiosamente o

Instituto Pio XI
Rua Roberto Silva, 71 – Ramos – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21060-230
Tel.: (21) 3194-1400
E-mail: direção.pioxi@abeas.org
Diretora: Irmã Salute Bett
Fotos cedidas pela escola



Dançando conforme a música

Projeto pedagógico busca expandir o universo cultural dos alunos

Há nove anos, a Escola Técnica Rezende Rammel realiza o projeto *Mostra Cultural*. Com 80 anos de história, a instituição busca fazer com que seus educandos desenvolvam habilidades não somente técnicas, mas também aquelas necessárias para o conhecimento amplo da realidade que os cerca, entendendo que a base para a inserção de um profissional no mundo do trabalho está pautada também nas questões comportamentais.

“Sensibilizar os alunos a participar de projetos culturais desenvolve atitudes socialmente responsáveis, transformando-os em cidadãos críticos e humanizados, que certamente saberão melhor como lidar com pessoas e situações pertinentes ao mercado. Os cenários mercadológicos demonstram e sinalizam demandas profissionais que estejam pautadas nestes valores e por isso nossa escola insere no planejamento educacional o desenvolvimento dessas competências”, explica Tatiana Di Maio, diretora da escola.

O projeto *Mostra Cultural* faz com que os alunos pesquisem e conheçam a riqueza da cultura em suas diversas dimensões. O tema varia a cada ano e em 2012 a escolha foi feita através de votação, na qual os próprios alunos opinavam sobre que aspecto da cultura eles desejavam pesquisar. Ao apurar o resultado, a direção da escola descobriu que grande parte do corpo discente manifestava interesse pela música, o que foi decisivo para que o tema gerador do ano fosse “estilos musicais”.

O projeto foi composto basicamente por três etapas. Na primeira delas, cada uma das 29 turmas envolvidas deveria criar um *blog* para apresentação da pesquisa sobre todas as características que envolvem o estilo musical sorteado para desenvolvimento do trabalho. Informações como local de origem, personalidades e maiores sucessos eram algumas das referências obrigatórias.

A próxima tarefa foi caracterizar e ornamentar um estande com elementos típicos do estilo musical pesquisado. No mesmo espaço, os alunos deveriam mostrar as informações encontradas. Maquetes, painéis, cartazes, figurinos, fotos, exposição oral e vídeos foram alguns dos recursos utilizados pelos estudantes para divulgar as descobertas sobre o tema.

A terceira etapa foi a coroação de um trabalho de pesquisa que propôs, além do conhecimento teórico, uma experiência prática, em que jovens estudantes de cursos técnicos reviveram épocas e modos de vida. Nessa fase, a tarefa foi coreografar durante, no mínimo, 10 minutos o estilo musical pesquisado. Cada turma ficou responsável por um estilo diferente.

As apresentações aconteceram no Olaria Atlético Clube. Os alunos realizaram as coreografias para uma arquibancada lotada de pais, parentes e amigos, que estavam ali para dar apoio e aplaudir o resultado de um trabalho intenso que envolveu pesquisa e criatividade. “Um dos objetivos do projeto é criar um elo entre a família, os jovens e a escola. Fazendo isso, nós buscamos trazer os pais para mais perto de nós e estreitar a relação entre as partes envolvidas no desenvolvimento dos estudantes”, destaca Edna Marins, orientadora educacional da Rezende Rammel.

Os estilos pesquisados vão do tango ao forró, passando pelo axé, brega, valsa, lambada e o *hip-hop*. Todas as etapas valiam pontos e o descumprimento implicaria diminuição da nota bimestral. A avaliação foi feita levando em consideração a participação individual e o desenvolvimento da equipe. Os primeiros colocados receberam troféu e medalhas, mas o melhor prêmio foi a ampliação do universo cultural dos alunos, cujo fruto eles colherão durante toda a vida.

Escola Técnica Rezende Rammel
Rua Lins de Vasconcelos, 542 – Lins de Vasconcelos – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20710-130
Tel.: (21) 2597-1247
E-mail: www.etr.com.br/contato
Diretora: Tatiana Di Maio
Fotos: Marcela Figueiredo





“Os jovens **leem e escrevem** bastante, mas têm **pouco contato** com os **livros**”

Especialista colombiana em fomento à leitura e formação de leitores diz que a garotada está distante da literatura porque a cultura contemporânea conspira contra tudo o que não tem utilidade imediata

Beatriz Vichessi

Para quem insiste no discurso de que os jovens de hoje não gostam de ler, que as novas tecnologias são uma das maiores causadoras desse problema e que esse cenário não tem solução, Yolanda Reyes recomenda analisar melhor e mais a fundo a situação. A começar por observar o que esse público faz, do que gosta e o que diz. A educadora, colunista da revista digital *Emília* (www.revistaemilia.com.br) e fundadora do Instituto Espantapájaros (www.espantapajaros.com), em Bogotá, na Colômbia, chama a atenção, por exemplo, para os milhares de exemplares de livros de Harry Potter, de J. K. Rowling, Ed. Rocco, vendidos no mundo. “Muitos adolescentes gostam de ler. Nós temos de ajudá-los a conhecer esse universo e refinar suas buscas a fim de que identifiquem seus gostos e não sigam só o que está na moda”, diz.

Com a experiência de quem também escreve para a garotada (no Brasil, foram publicados, dentre outros títulos infantojuvenis, *Terça-Feira: Quinta Aula* e *É Terminantemente Proibido*, ambos da Editora FTD), a especialista sugere inclusive que, para aproximar os adolescentes dos livros, os educadores trabalhem com leitura para além das atividades escolares.

Em visita à capital mineira para apresentar uma palestra na Biblioteca Pública Infantil e Juvenil, Yolanda concedeu a seguinte entrevista a NOVA ESCOLA.

De acordo com sua experiência com formação de leitores, qual a relação dos jovens com a leitura?

YOLANDA REYES – Na Colômbia, tal como em outros países, incluindo o Brasil, uma característica antiga da Educação marca a aproximação desse público com os livros: o ato de ler é orientado para fazer provas. Isso vincula a literatura à aprendizagem memorizada e à ideia de que os

livros precisam estar sempre ligados à escola e à obrigação de ler para fazer algo depois. Os jovens leem e escrevem bastante, mas têm pouco contato com os livros na vida fora da escola. Eles acessam outros suportes, como celular, *blogs*, *Facebook*, e trocam mensagens o tempo todo. Ou seja, têm mais relação com a leitura para a comunicação do dia a dia, por vezes superficial, e não com a leitura para decifrar a vida – que tem a ver com a literatura.

Trabalhar com leitura e literatura na escola é tarefa do professor da disciplina de Língua Portuguesa?

YOLANDA – Não só dele. É de todos porque ler tem a ver com o mundo da informação das diversas ciências e campos do conhecimento, com conectar coisas, saber como outras pessoas resolveram problemas, o que sentiram e o que viram, inclusive as que viveram há muito, muito tempo. O problema é que nem todos os educadores leem e para formar leitores é preciso, antes de mais nada, ser um leitor. Também é papel deles ensinar os alunos a interpretar, fazer inferências e, como disse o escritor, sociólogo e crítico literário francês Roland Barthes (1915-1980), ler levantando a cabeça. Quer dizer, ler nas entrelinhas e fazendo pausas para escutar a própria voz.

Ainda que muitos jovens considerem ler importante, a maioria não vê utilidade nisso e não se dedica ao hábito. Como reverter essa situação?

YOLANDA – Realmente, as artes nem sempre têm resultados imediatos e funções práticas. A literatura, por exemplo, não tem a ver só com ler para entender algo. Lemos por prazer, para relaxar e para vivenciar experiências que não são nossas. Mas a cultura contemporânea conspira contra tudo o que não tem utilidade imediata. As provas interna-



cionais que avaliam leitura também reforçam seu caráter utilitário porque cobram que os alunos leiam para resolver algo, e entendo que essa é uma aptidão importante e faz parte da vida. Precisamos mostrar aos estudantes que a leitura também tem a ver com sentimentos e toma tempo, mas não é um desperdício. Isso pode ser feito, por exemplo, organizando sessões de leitura coletiva e de troca de recomendações entre colegas.

A escola precisa mudar o jeito de se comunicar com os jovens para que eles se interessem pelos livros?

YOLANDA – Sem dúvida. Temos de rever as barreiras que colocamos entre a linguagem da Educação e as linguagens da vida cotidiana, muito ligadas à internet e à televisão. O mundo se abriu e a escola precisa considerar isso, integrando as novidades à sala de aula. Levar isso em conta não tem a ver só com a formação de leitores, mas também com conhecer melhor os jovens, se aproximar deles, falar a mesma língua. Como entender alguém de 15 anos sem considerar a tecnologia que ele domina? É necessário desenvolver um intercâmbio. Os adolescentes têm muito a ensinar sobre como navegar na Internet, onde encontrar conteúdos interessantes e de que forma aproveitar ao máximo as funcionalidades de um celular, por exemplo. Os educadores, por sua vez, podem aproveitar que a literatura

é um meio para entender a experiência humana, e a adolescência, uma fase de paixões para convidar os alunos a descobrir nos livros como outras pessoas, de outras épocas, se apaixonaram, por exemplo.

Atualmente, as bibliotecas são lugares repletos de livros, porém sem muito movimento. É necessário repensar o modelo tradicional para torná-lo mais atrativo?

YOLANDA – Sim. Várias delas oferecem acesso à Internet e isso chama a atenção da comunidade local. No entanto, em um canto ficam os computadores, em outro os livros e, num terceiro, os funcionários. São três mundos que não estão conectados. Os bibliotecários e os professores precisam trabalhar para envolver as crianças, os jovens e outros adultos e não se contentar em atender às necessidades deles, mas criar novas, mostrar outras possibilidades.

De tempos em tempos, o mercado editorial lança coleções volumosas, como *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis* (J.R.R. Tolkien, Ed. Martins Fontes) e a saga *Crepúsculo* (Stephenie Meyer, Ed. Intrínseca). Todas fazem sucesso, inclusive entre as pessoas que não têm o hábito de ler. No entanto, são poucos os jovens que se interessam por outros títulos e continuam lendo. Precisamos de mais criaturas fantásticas nas estantes para formar leitores?



Sugerir clássicos adaptados para quadrinhos é recomendável para aproximar a turma da literatura?

YOLANDA – Trata-se de uma linguagem diferente do texto original, tal como um livro adaptado para o cinema. Dependendo de quem é o responsável pelo trabalho, o resultado é bom, mas ainda assim há algo único no original: as palavras. Elas descrevem coisas e provocam sensações de modo diferente das imagens. Sobre esse gênero, também acho que não faz sentido indicá-lo para a garotada porque o original é grande demais ou tem um vocabulário complexo. É preferível focar o trabalho em um fragmento. O professor pode planejar a leitura compartilhada a fim de que a turma conheça e entre em contato com a linguagem ou outra característica da história. Outra saída a que muitos alunos recorrem são os resumos. Esse material contém o argumento da história, mas literatura não é só argumento. É linguagem.

Convidar os autores para conversar com o público, a fim de despertar nas pessoas um interesse pela história, é uma alternativa válida?

YOLANDA – Em primeiro lugar, é fundamental ter claro que o mais importante de tudo isso é o livro, a história que ele contém. Depois, é imprescindível compreender que a estratégia de levar o escritor ao encontro das pessoas nem sempre funciona. Acho que a reunião tende a ser mais frutífera quando as pessoas já leram o livro porque elas têm sobre o que conversar com o escritor, podem fazer perguntas, questionar o autor e contar suas impressões. Ainda assim, há que se considerar que, mesmo já conhecendo a obra, o evento pode ser decepcionante: alguns leitores criam uma imagem do autor que nem sempre coincide com a real e há profissionais que são grosseiros, tímidos... No mais, nem sempre é possível encontrar quem criou a história. Conversar com quem não está por perto, mora longe ou não vive mais é uma das coisas que fazem da literatura algo maravilhoso.

Mais em novaescola.org.br/extras254
Especial *Tudo Sobre Leitura*.
Beatriz Vichessi, de Belo Horizonte, MG
E-mail: bvichessi@fvc.org.br

YOLANDA – Em primeiro lugar, é necessário entender que esses títulos e tantos outros são fenômenos criados pelo mercado. Os autores são talentosos, mas seguem uma fórmula que mistura amor, intriga, magia... Seguramente outras obras com essas características são bem-vindas: movimentam as editoras e atraem o público. Penso que tudo bem na medida em que são livros com muitas páginas e mesmo assim conquistam os jovens. Ao mesmo tempo, questiono por que a juventude é atraída por isso e não por *Drácula*, escrito por Bram Stoker no século XIX? É uma obra tão grande quanto as outras e abrange a mesma temática! Na minha opinião, há um recado muito claro nessa história: os adolescentes querem ler, encaram muitas páginas sem reclamar e deixam claro do que gostam. A escola tem de usar tudo isso para fazê-los acessar outros títulos, mais complexos e desafiadores. É uma forma de ajudar a conhecer e se apropriar de um livro, de um autor ou de um tema em especial, indo além do que está na moda. Para isso, os professores e quem trabalha com formação de leitores têm de sinalizar o caminho, fazer sugestões: "Você está gostando de ler sobre vampiros? Esse livro que tenho em mãos tem um personagem semelhante. Quer experimentar lê-lo depois?".



Redes sociais e o ambiente escolar



É muito raro nos dias de hoje encontrar um jovem que não possua conhecimento acerca da Internet ou um perfil em alguma rede social. As crianças e adolescentes do século XXI, também conhecidas como geração Y, são o que podemos chamar de nativos digitais. Basicamente, tudo em suas vidas está ligado ao ambiente virtual. Para não desperdiçar esses talentos que surfam nessa forte onda tecnológica, muitos professores têm incluído em suas metodologias essa nova ferramenta.

Percebendo a grande demanda existente nessa área, a Appai realizou, através de seu Benefício de Educação Continuada, uma palestra para que os docentes e profissionais de educação, tanto os que ainda não dominam as ferramentas da *web* como aqueles que já usam a tecnologia, possam aprimorar-se. Ministrada pela Doutora em Linguagens e professora do Núcleo Avançado em Educação (Nave) Renata Barcellos, a atividade serviu para sanar uma das dúvidas mais frequentes dos docentes, que é como fazer para que os alunos entendam que esta forma de contato virtual é uma continuidade do que acontece dentro da sala de aula?

Segundo Renata, o ideal é que os estudantes compreendam que a relação existente, mesmo no ambiente *web*, ainda é de professor e aluno, embora às vezes se tenha a impressão de que todos estão em condições de igualdade.



“Muitos professores demonstram receio de que os estudantes os confundam com colegas e percam o respeito, de modo que o foco, que é ensinar, seja perdido. É importante deixar claro, desde o primeiro momento, que essas ferramentas constituem uma prática pedagógica”, diz a professora, que já passou por situações em que elas ajudaram e muito no desempenho de seus alunos.

Prova disso foi quando Renata não pôde comparecer ao Nave em um dia de trabalhos práticos, dentro do laboratório. A proposta desta atividade era a elaboração de um texto dissertativo, e os alunos precisavam de orientação. A docente então fez um *login* em seu MSN, conhecida rede de conversação na Internet, e passou a orientar os estudantes que apresentavam dificuldades e dúvidas em relação ao trabalho. “Foi minha primeira experiência em ensino a distância”, relembra.

Mas ela não é a única que passou a compartilhar informações educacionais nesse tipo de mídia. Rosana de Souza, professora de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Heitor Lira e da Escola Municipal Nun’Álvares Pereira, também já investe nas redes sociais. Frequentadora assídua dos eventos da Associação, ela utiliza principalmente o *Facebook* para dar continuidade ao ensino e mostrar exemplos práticos e simples para os alunos. “Utilizo as redes como recurso auxiliar. Posto artigos, exercícios, *slides* sobre a matéria que está sendo aplicada”, conta a professora que, assim como Renata, também acabou se aproximando mais de alguns estudantes de suas turmas: “Através dessas ferramentas trocamos recados, pessoais e profissionais, e alguns alunos se tornaram grandes amigos”, relata.

E não são apenas os professores que aprovam o uso da Internet e das redes sociais dentro da sala de aula. Alunos que passaram pela experiência de aprendizado com o auxílio dessas ferramentas dizem que a aula se torna mais dinâmica e prática, já que eles podem ver a teoria aplicada em casos do dia a dia de cada um deles.

Para Rodrigo Oliveira, ex-aluno do Nave e de Renata, o aprendizado via *Orkut*, *Facebook* e tantas outras mídias sempre chamou mais atenção, pois permitia uma espécie de fuga do cotidiano. “Ficava sempre esperando a Renata ou qualquer outro professor postar algo novo. É muito bom aprender de uma forma descontraída”, conta o jovem, que atualmente cursa a faculdade de Ciências da Computação. “Acho que essa nova maneira de ensinar vai ser mais comum no futuro”, conclui Rodrigo.

Colaboração: Luiz Felipe (estagiário)



Caminhadas e corridas promovidas pela Appai estão entre os melhores eventos de integração e lazer para os participantes



Consultora técnica da equipe Appai é uma das maiores incentivadoras para a prática de atividades físicas de participar das caminhadas e corridas promovidas pela Appai agora, com a inauguração dos polos de integração e lazer, não só para os alunos, mas também para os pais e familiares. Tanto eles como seus beneficiários têm a oportunidade de exercitarem e ganharem ainda mais condições físicas e psicológicas em cada etapa. O legal é que em cada polo se tem um profissional qualificado, para acompanhar os participantes a fim de assegurar a eles mais saúde e bem-estar. A Appai é a campeã que durante toda a 2ª etapa do circuito Running promovido em Estácio, etapa do circuito Running promovido por professores e funcionários da Appai Educacional. Ao final da competição, um sorteio é realizado para a premiação. Uma das associadas, depoendo sobre o evento, disse que, além de incentivar a prática de educação física, a Appai promove bem-estar e autoestima dos participantes, afirmando que é uma das maiores incentivadoras para a prática de atividades físicas.



ai BemViver, a campeã Márcia Narloch
loras e apoiadoras dos associados
físicas. "Eu sinto o quanto gostam
e corridas que a Appai oferece. E
treinamento de Niterói e Deodoro,
em mais uma oportunidade de se
condicionamento para as próximas
empre vai haver um instrutor, um
banhar e orientar os praticantes,
de e qualidade de vida", garante
edição da Corrida & Caminhada
Brasil, fez questão de apoiar os
ai.

o movimentou a tenda da Asso-
is de ouvir seu nome e receber
ncentivar o esporte, a saúde e
em-estar, integração e eleva a
irmou feliz da vida.



Márcia Narloch
faz a entrega
do brinde a um
dos associados
contemplados

Saberes e sabores de **Luiz Gonzaga**



Tony Carvalho e
Claudia Sanches

Comunidade escolar homenageia a região Nordeste no centenário do Rei do Baião

Ícone da música nacional, Luiz Gonzaga, que completaria cem anos se estivesse vivo, abriu as portas da música nordestina para o Brasil e o mundo; recriou gêneros nacionais como o xote, o xaxado e o baião e foi um dos responsáveis pela difusão da cultura de sua região. Sua obra, original e criativa, levou a todo o país o forró, além das mazelas e injustiças de sua terra. Asa Branca se tornou uma espécie de segundo hino nacional brasileiro. O educador pode aproveitar essa data para trabalhar conteúdos de todas as disciplinas e valorizar a diversidade cultural brasileira.

A professora de Língua Portuguesa Janaína Seabra, do Colégio Estadual Augusto Cezário Díaz André, que todos os anos realiza o Festival de Poesias, fez valer o momento especial do centenário para explorar a arte do Rei do Baião. Na Escola Municipal Cecília Meireles o “Mestre” também foi lembrado através do projeto *Os cem anos de Luiz Gonzaga* com os alunos do Ensino Fundamental. Com uma trilha musical autenticamente nordestina, os alunos das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do curso pós-médio de formação de professores do colégio Dom Óton Mota, em Santa Cruz, realizaram uma mostra cultural tendo como pano de fundo o cenário musical pernambucano e nordestino.

Por que trabalhar Luiz Gonzaga na escola?

Em parceria com a professora de Literatura Jane Isabel e outras colegas para essa edição, o Colégio Estadual Augusto Cezário Díaz André realizou o projeto *Festival de poesias: saberes e sabores de Luiz Gonzaga*, com todos os alunos do Ensino Fundamental. Segundo a diretora pedagógica Nilma Braga a escolha pelo tema foi uma forma de homenagear o ídolo nacional, que apresentou a cultura nordestina ao Brasil e aproveitar para revelar outra realidade aos estudantes, além de se tratar de um tema muito rico para trabalhar a interdisciplinaridade. “A gente pôde explorar muitas fa-

Projetos com o centenário do Rei do Baião revelam realidade diferente aos estudantes e tema rico para interdisciplinaridade: "Somos mais que a região Sudeste"



cetas, como a cultura, as comidas típicas, a seca do sertão nordestino, a migração. A ideia é que nossos alunos não fiquem restritos à região Sudeste, mostrando como o Brasil é muito maior. Como eles veem todas essas informações em História, Geografia etc., conseguimos promover no festival a participação entre diversas disciplinas”, afirma Nilma.

O trabalho foi dividido em três etapas. As turmas estudaram a biografia do Rei do Baião e ouviram as suas canções durante semanas. Para surpresa dos professores, o envolvimento dos estudantes foi muito grande: eles cantaram, perguntaram sobre a vida do artista a partir das suas letras e começaram a conhecer um pouco do ritmo, do xote e do xaxado. “Com esse retorno foi fácil trabalhar as músicas. Em um segundo momento, fizemos levantamento do vocabulário, da variedade linguística, dos temas e começamos a explorar a gramática”, conta Janaina.

Festival de poesias

A professora Jane relata que esse contato despertou uma reação muito boa, o interesse pelo Nordeste e o sertanejo, o que gerou discussões nas turmas. “Muitos alunos se identificaram com essas histórias, fizeram relatos pessoais, se recordaram de documentários que tinham visto na televisão e se comoveram com as situações de vida dos nordestinos”, conta a docente.

Após trabalharem os gêneros, estrofes, rimas e versos, começou a fase que os educadores consideraram mais desafiadora, a produção textual. Para compor uma poesia a partir de uma canção de Luiz Gonzaga foram utilizados quadrinhos. Segundo Janaina, os alunos resistiram muito alegando que não sabiam escrever poemas.

Para a docente essa resistência se tornou uma motivação: em pouco tempo uma turma do 6º ano criou um rap falando sobre a vida do artista. A

partir daí todos ficaram estimulados a escrever, e os textos eram produzidos e corrigidos em sala de aula. Nos encontros seguintes, os professores abriram espaço para quem quisesse declamar suas poesias, atividade que desenvolve a leitura expressiva, e alguns textos foram selecionados para o festival. Durante o evento as leituras foram intercaladas com a coreografia de “Xote das meninas”, com coordenação da docente de Educação Física Flávia Rodrigues, que se apaixonou pelo trabalho e contribuiu com a sua disciplina.

Para a diretora adjunta a experiência foi gratificante, e a escola passou a respirar poesia até mesmo após a realização do festival: “Os alunos se sentiram valorizados, nossos poemas foram recebidos com comidas típicas nordestinas para ‘criar o clima’, além de a banda da escola apresentar ‘Asa Branca’ enquanto se degustavam os sabores e saberes desse povo, que transforma em versos e alegria uma realidade dramática. A integração permanece até hoje na boca das crianças que cantarolam e dançam as canções do Rei do Baião”, conclui Nilma.

Mostra de dança resgata tradições do Nordeste

Para comemorar o centenário, a Escola Municipal Cecília Meireles está desenvolvendo o projeto *Os cem anos de Luiz Gonzaga* com estudantes do 6º ao 9º anos. A abertura do trabalho, proposta da SME, contou com a apresentação dos alunos do Centro Cultural São Martinho, que cantaram e tocaram para toda a escola.

As professoras de Educação Musical Eliete Vasconcelos e de Educação Física Djane Rachel queriam criar uma atividade em que os jovens pudessem ouvir um pouco de história e observar alguns instrumentos e danças típicos da região Nordeste. Nada melhor do que Luiz Gonzaga.

O objetivo, segundo Eliete, era fazer o alunado compreender a contribuição do artista para a música brasileira, entender o significado do baião e a sua transformação em gênero musical, além de valorizar a produção artística do país. Para isso o colégio contou com a parceria do Centro Cultural São Martinho, que visitou a escola e ofereceu oficinas de musicalidade. “O maior desafio era criar abertura para ouvir outros tipos de músicas, não só o *funk*. A busca em aprender um instrumento e participar desses eventos é uma mudança que vem acontecendo. É muito bom ouvir as turmas cantando Luiz Gonzaga pelos corredores da escola, como opção ao que eles cantam normalmente”, conta Eliete.

O projeto se iniciou na sala de leitura com a literatura de cordel associada à obra de Jorge Amado, coordenada pelas professoras Felicidade Magalhães e Patrícia dos Santos. As docentes apostaram na poesia musical do per-





Festival de poesia: literatura de cordel – estudantes superam o medo da produção textual e apresentam suas criações

nambucano para falar sobre a superação de realidades adversas através da arte. A partir do filme sobre sua biografia os alunos produziram textos em sala de aula. Em seguida as equipes fizeram a seleção das músicas para a mostra.

Algumas turmas realizaram trabalhos artísticos que foram usados na caracterização do evento. Eliete contou com a participação especial do aluno Ysrael Alves, do 6º ano, que confeccionou maquetes de tamanho original, com material reciclado, de instrumentos típicos do Nordeste, como a sanfona, a zabumba e o triângulo, o que impressionou todos os participantes. “As atividades musicais renderam um grande interesse pelas artes. O projeto permite aos estudantes descobrirem seus talentos e perceberem que podem produzir, para que os outros vejam e sonhem: ‘Se ele pode, eu também posso’. O objetivo é convencer de que é possível transformar a vida de alguém de origem simples como Luiz Gonzaga em um rei que venceu em meio às dificuldades. As atividades deram acesso a novas linguagens e culturas e ampliaram a visão de mundo dos alunos, que muitas vezes não têm espaço para isso”, finaliza.

Na Mostra de Dança “O Forró do Gonzagão”, coordenada pela professora de Educação Física Djane Rachel, houve apresentação das turmas, que cantaram e dançaram músicas do cantor e compositor. Segundo Eliete, de “forma bela e técnica”. Durante a Semana do Folclore o enfoque do tema Luiz Gonzaga será abordado pelos professores de História e Geografia. O último evento das comemorações do Centenário do Rei do Baião será o de poesia, ministrado pelas professoras de Literatura e Língua Portuguesa, em que os alunos publicarão um livro que será lançado durante o “Sarau Literário”.

EJA na festa do baião

Asa Branca, Luar do Sertão, Xote Ecológico, Vida do Viajante, Pau de Arara, A Triste Partida. Essas são algumas das mais de 500 canções compostas e interpretadas por Luiz Gonzaga. Em suas letras, ele descrevia em verso e prosa a alma do sertanejo, as veredas do semiárido inóspito, a relação com a terra natal, a fuga da seca e a busca por novas oportunidades na cidade grande. Os alunos das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do curso pós-médio de formação de professores do colégio Dom Óton Mota, em Santa Cruz, aproveitaram o centenário do Rei do Baião para retratá-lo na mostra cultural da escola.

Segundo o professor de Língua Portuguesa e Literatura Sandro Oliveira, a equipe pedagógica escolheu o cantor como tema deste ano em virtude da sua importância cultural e política para a região Nordeste. “Sua obra é marcada pela inventividade, originalidade e qualidade do repertório. Foi Luiz Gonzaga quem abriu as portas da música nordestina para o centro-sul do país, estilizou e recriou a riqueza cultural de sua gente, além de

popularizar gêneros regionais, como a toada, o aboio, o xote, o chamego e o xaxado. Depois de um vasto trabalho de pesquisa, os estudantes saíram com a exata noção de que o Nordeste é algo muito além de uma localização geográfica”, justifica.

Cada turma foi dividida em equipes – as quais receberam a orientação de um ou dois professores para a elaboração das tarefas – e estas, em tendas espalhadas pelo pátio do colégio. Cada uma delas representou um estado da região Nordeste. Os alunos tiveram a responsabilidade de ornamentar, recepcionar os visitantes e explicar o trabalho elaborado pelo grupo. Durante a culminância do projeto, os estudantes realizaram apresentações de danças características, com músicas interpretadas por Luiz Gonzaga, além da degustação de comidas típicas e abordagem dos pontos turísticos e do artesanato de cada um dos nove estados que compõem a região Nordeste. “O projeto visa torná-los conhecedores da cultura nordestina e da importância do Rei do Baião para a formação da identidade brasileira. A proposta é fazer com que percebam com maior facilidade todas as influências nordestinas em nosso cotidiano e pos-

Luiz Gonzaga abriu as portas da cultura nordestina e mostra importância artística e política da região Nordeste



Poesias vencedoras do festival de poesias no C. E. Augusto Cézario Díaz André

Miséria no Sertão

Miséria no sertão
E o governo não liga não
Morre gente e ninguém está nem aí
Neste país
A maioria só liga para si
Mas e as pessoas pobres e indefesas?

Criança carregando água
Para no dia de amanhã
Ter um copo d'água na mão
Que miséria no sertão!

Tem gente morrendo de fome
E no meio da caatinga tem
Um cavalo carregando um homem
Quase morto de sede e fome.

(Poesia de uma aluna do 6º ano)



Superação através da arte: trabalhos possibilitam valorização da diversidade dos estados nordestinos e da cultura brasileira. Durante culminância comunidade degustou os saberes e os sabores da culinária da região

sam também ver o Brasil além das fronteiras geográficas impostas por nós”, afirma a coordenadora pedagógica Teresinha Gonçalves Costa.

De acordo com a professora de Língua Estrangeira Rose Miranda, o projeto possibilitou o trabalho de temas transversais ligados a cidadania, meio ambiente, ética e pluralidade cultural. “Além de terem enriquecido o seu conhecimento quanto aos costumes que envolvem as festas populares, valorizando essas tradições culturais, ao iniciar as pesquisas, os alunos descobriram que Luiz Gonzaga tinha uma grande

influência não apenas no mundo das artes como também na política. Com isso, ele conseguiu colocar a região num patamar diferenciado no mapa brasileiro”, destaca. Para o professor de Matemática Carlos Eduardo Ribeiro, o projeto possibilitou entre os estudantes uma maior interação. “Através de atividades como essa, nós ensinamos aos alunos a importância do trabalho em grupo, produzindo e construindo seus pontos de vista, aprendendo a argumentar e, sobretudo, a ouvir o outro. Ou seja, eles se preparam para o mundo laboral”, declara. ■

C. E. Augusto Cezário Diaz André
Rua Leonídia Pinheiro da Silva –
Pacheco – São Gonçalo/RJ
CEP: 24732-330
Tel.: (21) 3718-5236
E-mail: ceacda@ig.com.br
Direção: Claudia Bastos
Fotos cedidas pela escola

Escola Municipal Cecília Meireles
Rua Soldado Servino Mengarda, 260 –
Vila Cosmos – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21210-840
Tel.: (21) 3457-3846
E-mail: emcecilia@rioeduca.net
Direção: Rosimeri Campos
Fotos cedidas pela escola

Colégio Dom Óton Mota
Felipe Cardoso, 323 – Santa Cruz – Rio
de Janeiro/RJ
CEP: 23510-006
Tel.: (21) 3395-0500
E-mail: escolaativario@gmail.com
Fotos: Tony Carvalho

Saudade do meu Amor

Saudade do moreno do Sertão
Que enfeitiçou meu coração.
Ó Senhor, protegeí esse moreno
Que me encantou
E que, em momentos tristes, me alegrou.
E em meio à escuridão da noite

Essa chama que arde em meu peito
Parece não ter mais fim
Pois esse moreno faz parte de mim.

E agora eu chovo de saudade,
Fugindo da realidade, com falta de
felicidade.

Essa saudade mexe com meu coração
E nele tem um furacão que causa uma
revolução
E ao mesmo tempo essa paixão
Torna-se solidão.

(Poesia de uma aluna do 8º ano)



Uma semana de Artes

Seeduc reúne alunos e professores para mostrar trabalhos realizados nas escolas durante o ano letivo



Antônia Lúcia

Durante quatro dias o Pier Mauá, na Zona Portuária do Rio, transformou-se numa espécie de laboratório de artes com exposições e apresentações visuais e literárias. Mais de 10 mil alunos desfilaram, pelos muitos espaços oferecidos, seus trabalhos realizados ao longo do ano letivo. Professores de Artes, de Literatura e notáveis como Arnaldo Niskier, Evanildo Bechara, Cacá Diegues e Andrucha Waddington estiveram presentes ao evento. Um dos objetivos do encontro, além da descoberta de novos talentos, foi incentivar a leitura através das artes.

Durante a programação, os alunos puderam curtir a apresentação de *hits* variados, releituras modernistas, números de danças, peças teatrais, trabalhos e curtas-metragens, tudo realizado pelos mais de 10 estudantes de unidades escolares de todas as regiões fluminenses. Na Estadual Eliza Maria Dutra, em São Gonçalo, os estudantes mostraram uma *performance* pra lá de animada com a banda de gaita de foles. A diretora Lucia Regina Gomes Gonçalves fez questão de frisar que, para participar, os jovens precisam aliar o esforço ao desempenho escolar. “A partir do momento em que eles ingressam na banda, o rendimento fica ainda melhor nas aulas”, destaca Lucia dando a dica de que música e conhecimento caminham no mesmo ritmo.





Na semana das artes, o lúdico e o concreto desfilaram suas muitas expressões

Entre as muitas atrações da semana, o coral Cantando em Libras, formado por alunos deficientes auditivos e ouvintes, foi um sucesso à parte. No ônibus expositor, a viagem percorreu as estradas da arte de aprender e ensinar a criar. É o que revela Gabriel de Oliveira Silva, do Ciep 419. “Gosto de ensinar e nessa semana pude descobrir que quero ser professor de Arte”. Já no Grande Teatro das Artes, estudantes do Ciep 055 – João Gregório Galindo, de Angra dos Reis, apresentaram uma peça baseada no livro *O menor que se fez maior*.

No espaço Letras + Cinema o imortal Arnaldo Niskier palestrou sobre “José Cândido, invencioneiro e linguarudo”. Andando mais um pouco, o Grupo Nós do Morro promovia interação entre os jovens recitando textos de *Hamlet*, de William Shakespeare. Flávia Medeiros, aluna do Estadual Olga Benário Prestes, em Bonsucesso, revelou-se emocionada diante de tudo que vivenciou. “É muito gratificante estar aqui. Valeu a pena”, orgulhava-se a jovem.

Ao falar dos ganhos proporcionados pelo evento, o professor Wagner Rotta, do Ciep 316, lembrou que os benefícios são inúmeros. “O projeto da nossa escola foi montar a peça *Tribobó City*, de Maria Clara Machado, que faz uma sátira ao nosso sistema econômico, político, social. Essa experiência nos abriu horizontes não só de conhecimento e integração, mas, sobretudo, de superação. Afinal ensaiamos durante dois meses, no contraturno, e o resultado não poderia ter sido melhor”, completa o professor de Artes Cênicas.

Fonte: Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

Colaboração: Luiz Felipe (estagiário)

Fotos: Ascom

Agenda do Professor



Appai

Tel.: (21) 3983-3200 – Portal: www.appai.org.br/ciclo/form.asp

Inscrição – e-mail: treinamento@appai.org.br



Os Múltiplos Textos de Nossas Vidas

Data: 04/10/2012

Horário: 13 às 17h – quinta-feira

Objetivo: apresentar os possíveis caminhos de como se trabalhar em sala de aula a interpretação textual.

Palestrante: Tiago da Silva Ribeiro

Tipo de evento: palestra



Comportamento Bullying e Transtornos de Conduta

Data: 06/10/2012

Horário: 8h30 às 13h30 – sábado

Objetivo: proporcionar acesso ao conhecimento das formas de identificação dos principais problemas relacionados ao bullying e aos transtornos de conduta, suas características, efeitos e consequências; orientar os pais e professores em como buscar tratamento e como podem agir na condição de mediadores na relação com alunos que necessitam aprender a controlar o comportamento e os impulsos.

Palestrante: Dr. Gustavo Teixeira

Tipo de evento: palestra



Leitura Dinâmica e Memorização Aplicada

Data: 18/10/2012

Horário: 8h30 às 12h30 – quinta-feira

Objetivo: estimular o melhor aproveitamento do tempo na leitura e a utilização e o desenvolvimento da memória natural e, através de uma abordagem prática sobre o assunto, envolver os participantes em simulações, vivências e desafios.

Palestrante: Ricardo Soares

Tipo de evento: palestra



Bases Psicomotoras do Desenvolvimento Infantil

Data: 24/10/2012

Horário: 8h30 às 12h30 quarta-feira

Objetivo: refletir sobre a infância, reconhecendo as bases psicomotoras que sustentam a formação da subjetividade, das capacidades cognitivas e sociais. Ampliar a compreensão desta fase da espiral do desenvolvimento para o aperfeiçoamento das práticas docentes.

Palestrante: Eduardo Costa

Tipo de evento: palestra



Corpo e Movimento na Escola

Data: 25/10/2012

Horário: 8h30 às 12h30 – quinta-feira

Objetivo: por meio de vivências corporais: analisar e problematizar o lugar do corpo na escola; reconhecer a cultura do movimento humano como forma de manifestação social; identificar o corpo como expressão dos modos de sentir, pensar e agir; ampliar reflexões e práticas pedagógicas no sentido de compreender a corporeidade no contexto educacional.

Palestrante: Tania Nhary

Tipo de evento: oficina



Trabalhando com as Histórias em Quadrinhos em Sala de Aula

Data: 27/10/2012

Horário: 8h30 às 12h30 – sábado

Objetivo: estimular o uso e confecção de histórias em quadrinhos em sala de aula.

Palestrante: Cristina Silveira

Tipo de evento: oficina



O Espaço do Brincar como Espaço de Aprendizagem

Data: 31/10/2012

Horário: 8h30 às 12h30 quarta-feira

Objetivo: analisar o brincar como sendo uma tarefa conjugada entre família e escola e como espaço de construção do conhecimento.

Palestrante: Marcia Regina F. Ribeiro

Tipo de evento: palestra

Fundação Oswaldo Cruz

O Serviço de Educação em Ciências e Saúde promove, às quartas e quintas-feiras, o encontro para professores para a visita ao Museu da Vida. Esta atividade é gratuita e previamente agendada.

Horário de atendimento: segunda a sexta-feira, de 9 às 17 horas.

Local: Fundação Oswaldo Cruz / Sede do Museu da Vida – Av. Brasil, 4.365, sala 4. CEP: 21045-900, Manguninhos, Rio de Janeiro/RJ



A Nossa Língua Portuguesa

2ª Parte

Sandro Gomes*

Dando prosseguimento ao que iniciamos na edição anterior, passamos a apresentar mais alguns exemplos de usos tipicamente brasileiros na prática da Língua Portuguesa.

- Apesar de já ser encontrado em formas arcaicas da língua praticada em Portugal, se tornou um costume linguístico bem brasileiro utilizar o **mais**, normalmente um advérbio de intensidade, com o sentido de tempo ou momento. Acompanhe o exemplo.

*Eu não quero **mais** a morte / Tenho muito que viver.*
(Travessia – Milton Nascimento/Fernando Brant)

A frase expressa na letra dessa belíssima obra da música popular brasileira poderia bem ser reescrita como *Eu já não quero a morte...* ou *Agora não quero a morte...* Mas o uso brasileiro emprega um termo com sentido de intensidade, apesar de a ideia temporal continuar presente na compreensão de quem lê ou ouve esses versos.

- Agora vamos abordar um muito comum hábito brasileiro, principalmente na língua falada, no modo de colocar certos tempos verbais em períodos compostos. Veja a seguinte sentença, extraída de fala popular no cotidiano.

*Se não **estivesse** cansado, **ia** ao teatro.*

Repare que na primeira oração, uma subordinada condicional, foi usado o verbo no imperfeito do subjuntivo (**estivesse**), mas, em seguida, na principal a ação foi colocada no pretérito imperfeito do indicativo (**ia**), quando a construção natural, segundo a norma culta, pediria o verbo da oração principal conjugado no futuro do pretérito (**iria**). Assim, a frase do exemplo acima é usada como opção a

*Se não **estivesse** cansado, **iria** ao teatro.*

Falares brasileiros por influências regionais

Há também diferenças nas várias falas regionais, que muito contribuem para uma forma tipicamente brasileira de utilizar a Língua Portuguesa. Passamos a enumerar algumas delas.

- Como influência da forte imigração italiana, os falantes da cidade de São Paulo utilizam uma frase como “*Nós somos **em** quatro pessoas*”, quando no resto do país a necessidade da preposição **em** não é sentida: “*Nós somos quatro pessoas*”.
- Os falantes de Minas Gerais e regiões próximas, ao utilizarem certos verbos com função pronominal, dispensam o uso do **se** que caracteriza essa função. Veja:

*O suspeito **chamava** Floriano.*

A construção lógica seria *O suspeito **chamava-se** Floriano*, tendo em vista que foi empregado o verbo como pronominal: **chamar-se**.

- Na maior parte da região Nordeste é comum não haver a contração entre a preposição **para** (reduzida a **pra**) e o artigo. Acompanhe o exemplo:

*Deu o aparelho **pra** o homem consertar.*

Quando nas outras regiões essa contração certamente ocorre:

*Deu o aparelho **pro** homem consertar.*

Naturalmente que muitos outros exemplos poderiam ser dados da diversidade com que nós brasileiros utilizamos nossa língua-mãe, e abordar tudo isso seria sem dúvida um trabalho que demandaria um grande esforço. Por ora ficamos por aqui, mas em outra oportunidade voltaremos a trazer para nosso espaço reflexões sobre a Língua Portuguesa falada e escrita em nosso país.

***Sandro Gomes** é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor da Revista Appai Educar.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



Leitura de Imagens

Alunos dramatizam as obras de Tarsila do Amaral

Claudia Sanches

Este ano se comemora 90 anos da “Semana de Arte Moderna”, movimento de artistas e intelectuais que rompiam com a cultura elitista e academicista da época e apresentavam uma arte voltada para a realidade nacional, marcando passagem para o estilo Modernista.

Para contemplar a data e abrir os horizontes dos estudantes, que demonstravam grande dificuldade de ler e interpretar, a equipe pedagógica da Escola Estadual Humberto de Campos lançou o projeto *Leitura de Imagens*, focando a obra de Tarsila do Amaral, para os alunos de 6º a 9º anos.

Essa foi a motivação principal que levou a professora de Língua Portuguesa Ana Cristina Barroso a trabalhar com o tema. Mas os educadores tinham outros desafios em pauta,

como melhorar a qualidade do ensino da língua e levar o aluno para além da percepção da leitura a partir da escrita: “O programa surgiu de uma necessidade específica mas contempla muitos aspectos”, completa Ana Cristina.

A equipe incentivou os estudantes a pesquisar, reproduzir e reinventar, além de criar suas próprias releituras, trazendo as questões para os dias atuais. O pontapé inicial do trabalho foi a apresentação do projeto aos grupos. Os profes-



ssores pediram que as turmas fizessem uma abordagem a respeito da Semana de Arte Moderna. “Nós sugerimos que eles procurassem as informações, com intuito de aguçar o interesse e a curiosidade, convidando-os a aprender a ler e pesquisar”, justifica.

Segundo a professora de Artes Luzia Pimenta a escolha de Tarsila do Amaral foi proposital: “Suas pinturas coloridas popularizaram o cotidiano, romperam com o tradicionalismo, aproximaram o povo da arte e convidaram à reflexão”, explica a docente. Luzia admite que algumas imagens desafiaram a interpretação das crianças mas outras, muito comuns no cotidiano popular, encontravam identificação imediata. Ela lembra que a participação de toda a comunidade escolar foi expressiva, já que fez crescer o interesse pela arte e a conscientização de perceber tudo o que nos rodeia. “Eles entenderam que a pintura conta histórias de seu tempo, registra momentos que fazem parte da memória coletiva deles, retrata o passado e aponta o futuro”.

O professor de Educação Física Marcelo Medeiros ressalta que o projeto consistiu numa aula de junção de vários saberes com um mesmo fim, o de explorar o tema da forma mais completa: “Apesar de ser um trabalho que partiu de Língua Portuguesa, fizemos leituras a partir de todas as áreas do saber e trabalhamos bastante expressão corporal nesse projeto”.

Foi assim que na culminância os alunos apresentaram o ensaio “Quadros vivos”: ao lado da obra, os jovens representaram as pinturas da artista com caracterização e dramatizaram algumas de suas telas.

As alunas do 6º ano viveram o quadro “Anjos”, que foi alvo de várias interpretações vindas da plateia. O autorretrato de Tarsila do Amaral, do 8º ano, também se destacou na mostra. “A estudante que a representou até era bem parecida. Ficamos muito emocionados durante as apresentações, os olhos das crianças brilhavam”, conta a jovem Valerin Monteiro, do 8º ano.

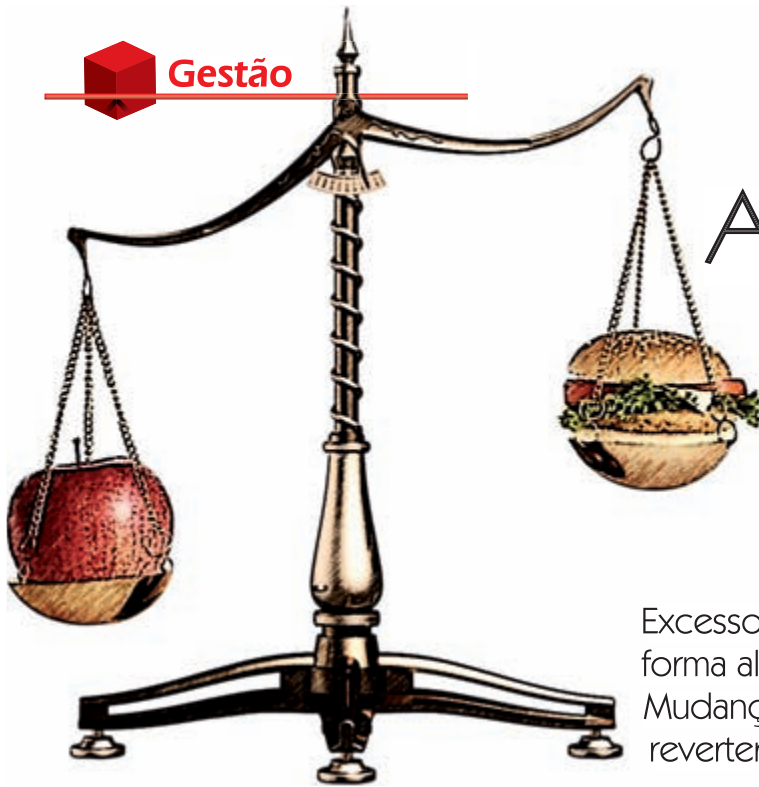
Ana Cristina acredita que o projeto alcançou seu objetivo, mostrando que arte, leitura e percepção se conectam e preparam um cidadão mais completo, consciente, reflexivo e atento ao que se passa a sua volta. “Os participantes puderam exercitar mais o nível de percepção; o bom apro-

veitamento se manifestou em várias matérias do currículo escolar”, afirmou.

Para Maíza Fernandes, que leciona espanhol e selecionou quadros e figurinos, o trabalho ajudou a desconstruir a ideia de que “arte é coisa de rico” porque eles se identificaram com as obras: “Os quadros ‘Mamoeiro’, em que uma mãe leva seus filhos à escola, e ‘Operários’ são a prova disso. Esses jovens tiveram a oportunidade de se identificar com a pintura de Tarsila e ver que a arte pertence a todos, principalmente ao povo. Suas cores e formas são um encontro da expressividade e da reflexão”, conclui. ■



Escola Estadual Humberto de Campos
Rua Elias Persiano, 177 – Parque Boa Ventura – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26298-342
Tel.: (21) 2799-6645
E-mail: ehumbertodecampos@ig.com.br
Diretora: Núbia Gonçalves
Fotos cedidas pela escola




Alimentação saudável para mudar a balança

Excesso de peso e obesidade crescem de forma alarmante entre crianças e adolescentes. Mudança de hábitos na escola pode ajudar a reverter essa situação

Pela manhã, estômago vazio. Para não perder a hora, a primeira refeição do dia fica para depois. Logo chega o intervalo e a coxinha espera na cantina. No horário do almoço, hambúrguer e batata frita. Na hora da saída, são necessários apenas alguns passos até o carro dos pais. Depois da escola, a maior parte do tempo livre é reservada ao computador, à televisão e ao videogame. Com uma rotina como essa, que faz parte da vida de muitos jovens, sobretudo das classes econômicas mais privilegiadas, fica impossível não acrescentar alguns quilinhos, ao longo dos anos. Para essa nova geração, a velha história de comer à vontade e não engordar durante a “fase de crescimento” não funciona. Com muito mais calorias adicionadas ao cardápio, recheado de gorduras e açúcares, e muito menos gastas com as atividades físicas, o saldo dessa balança não poderia ser diferente. O índice de sobrepeso vem crescendo assustadoramente entre as crianças e os adolescentes. Um a cada cinco jovens, com idade entre 10 e 19 anos, está acima do peso. E uma a cada três crianças, na faixa etária de 5 a 9 anos, tem mais quilos do que deveria. Esses números fazem parte do mais recente levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados de 2008–2009, que também comparou indicadores coletados a partir da década de 1970.

Para se ter uma ideia de como o cenário é grave, na pesquisa de 1974-1975, 3,7% dos meninos entre 10 e 19 anos apresentavam excesso de peso; em 2008-2009, esse índice saltou para 21,7%, ou seja, é quase seis vezes maior. Entre as meninas, o número passou de 7,6% para 19,4%, nesse mesmo período.



Aumenta a procura pela prática esportiva em busca de saúde e melhor qualidade de vida

Entre as crianças, a situação é igualmente preocupante. A prevalência do excesso de peso nos garotos de 5 a 9 anos subiu de 10,9% para 34,8% e, nas garotas, de 8,6% para 32%. Apesar de menos frequente, a obesidade também segue uma tendência crescente, apresentando índices mais elevados entre as crianças (veja os gráficos nesta matéria).

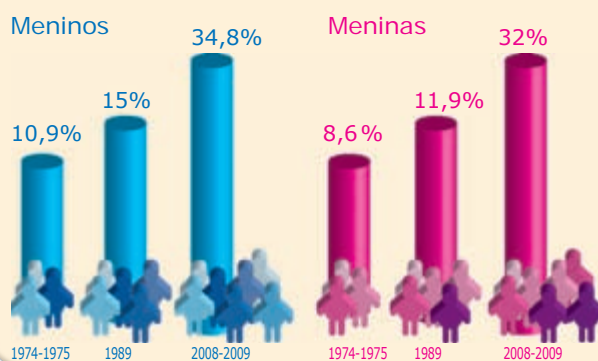
Se nada mudar, o futuro dessas crianças e adolescentes deverá ser ainda mais gordo. Atualmente, no Brasil, praticamente metade da população adulta está acima do peso: 50,1% dos homens e 48% das mulheres. A obesidade está diretamente relacionada ao aumento dos casos de hipertensão e diabetes, que, por sua vez, são fatores de risco para as doenças cardiovasculares, principal causa de mortes no mundo. Enquanto as pessoas temem a violência, esquecem-se de que o maior perigo está dentro do prato. Para a nutricionista Maria Aparecida Zanetti Passos, coordenadora do ambulatório de obesidade do Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente, do Departamento de Pediatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o momento pode ser comparado a uma epidemia, que exige medidas urgentes e a responsabilidade de todos, da família à escola. "Está na hora de todos assumirem a culpa", reforça.

Ambiente Escolar

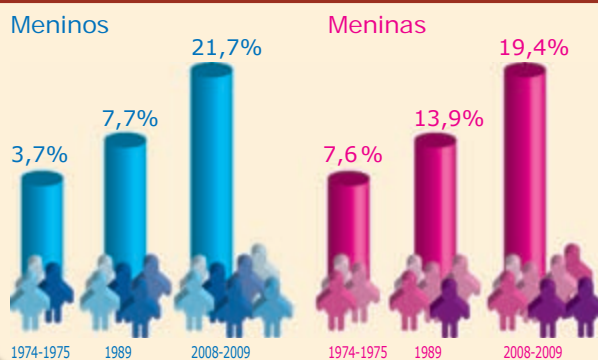
Como espaço de formação, as instituições de ensino podem contribuir muito para a educação ou reeducação alimentar, único caminho possível para reverter o curso ascendente dos números. Além disso, a escola é, para muitos alunos, sobretudo com o crescimento da oferta de tempo integral, o principal local de refeições durante a semana. Pelo menos na rede privada, a maioria dos estudantes não leva lancheira. Segundo um estudo conduzido em 2010 pelo Ibope – encomendado pelo grupo de alimentação GRSA, que detém a marca internacional de alimentação escolar Scolarest no Brasil –, 60 a 70% dos alunos só comem comida da escola. E 80% compram lá lanche ou refeição, pelo menos, uma vez por semana. Esse número inclui restaurantes e cantinas.

A pesquisa também mostrou que os salgados, como coxinhas e empadinhas, são os produtos mais consumidos pelos jovens no ambiente escolar. Um outro estudo, do qual faz parte a especialista da Unifesp, chegou à mesma constatação. Ao lado dos salgados fritos, também estão no topo da lista dos mais vendidos os alimentos industrializados e adoçados. Segundo Maria Aparecida, os administradores desses locais de venda justificam a oferta desses itens em decorrência da maior aceitação dos produtos por parte dos alunos. Eles dizem que se frutas, sucos naturais (ao invés dos artificiais) e sanduíches naturais, por exemplo, fossem oferecidos, acabariam trazendo prejuízos ao negócio. "As cantinas escolares, que deveriam ser ambientes de orientação e educação alimentar, infelizmente, acabam por se configurar, na maioria dos casos, apenas como estabelecimento lucrativo", critica a nutricionista.

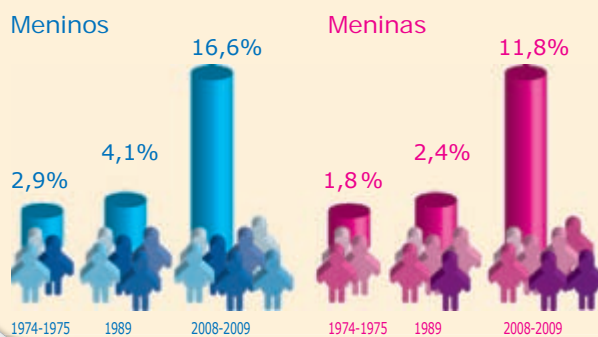
Porcentagem de crianças de 5 a 9 anos com excesso de peso



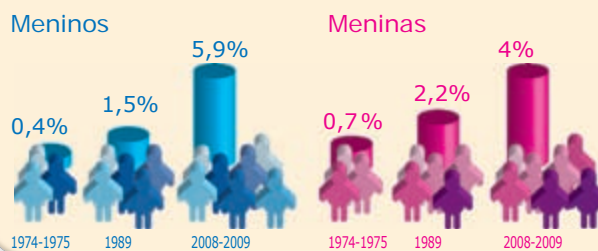
Porcentagem de crianças de 10 a 19 anos com excesso de peso



Porcentagem de crianças de 5 a 9 anos obesas



Porcentagem de crianças de 10 a 19 anos obesas



Fonte: Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com base no Estatuto Nacional da Despesa Familiar (1974-1975), na pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (1989) e na seção de Antropometria e Estado Nutricional da pesquisa de orçamentos Familiares realizada em parceria com o Ministério da Saúde (2009-2009).

Maior Oferta

O levantamento da GRSA apontou um paradoxo nas preferências dos alunos. Apesar de consumir mais “porcarias”, a maioria dos estudantes entrevistados afirmou que gostaria de ter, nas cantinas das escolas, mais opções como saladas, frutas e cereais integrais. Isso pode ser um sinal de que o trabalho em sala de aula sobre a importância de uma dieta saudável tem surtido efeito, porém continua existindo uma distância entre a teoria e a prática.

A questão da oferta é crucial para reduzir essa lacuna. No colégio Edna Roriz, em Belo Horizonte (MG), esse aspecto ficou evidente quando as opções saudáveis da cantina aumentaram. “Colocamos salada de frutas e maior oferta de sucos. Só com essa medida os alunos passaram a escolher mais sucos do que refrigerantes”, conta a coordenadora pedagógica Maria Alice Viotti. As mudanças fazem parte de uma iniciativa da escola que começou em 2007, quando a equipe percebeu como os maus hábitos dos estudantes estavam influenciando no aumento do peso corporal e no rendimento em classe. “Os alunos chegavam sem tomar café da manhã e compravam hambúrguer na cantina, no horário do intervalo, e essa era a primeira refeição do dia deles”, relata Maria Alice. O problema da má alimentação foi e continua sendo atacado por diversas frentes: reelaboração do cardápio da cantina com maior oferta de alimentos saudáveis e a retirada gradual de produtos menos nutritivos; intensificação das aulas de culinária com os educandos do Ensino Fundamental e atividades de conscientização para o Ensino Médio; discussões sobre alimentação, na disciplina de estudo de problemas contemporâneos; orientação e suporte de médicos, nutricionistas e psicólogos; formação dos professores, que também recebem mais frutas no lanche; além de atividade física rotineira orientada para os estudantes.

Para alunos da Educação Infantil até o 7º ano, o colégio também passou a oferecer um lanche preparado na própria instituição, com uma variedade de alimentos provenientes de

produtores locais comprados na feira mais próxima, onde, semanalmente, alguns estudantes são convidados a acompanhar as compras para aprender a fazer melhores escolhas. Para evitar a barriga vazia na primeira aula, também é oferecido a todos um copo de leite, logo na entrada. Muitas escolas, a exemplo do Colégio Edna Roriz, têm investido em ações para estimular uma alimentação saudável. Aliás, é isso que a maioria dos pais espera quando matricula seus filhos na rede privada. Os dados da pesquisa da GRSA revelaram que 72% dos entrevistados cobram que a instituição forneça uma alimentação saudável aos seus filhos. Por outro lado, 80% dos gestores acreditam que muitos alunos não levam para o ambiente escolar hábitos alimentares saudáveis de casa e 65% responderam que muitos pais delegam à escola a responsabilidade pela alimentação dos filhos. Não vale muito a pena alimentar essa discussão, o ideal é fazer um trabalho conjunto. “A escola tem sua parte de responsabilidade sobre a alimentação. Por isso é importante que ela ofereça uma alimentação balanceada e promova ações de conscientização. Mas também é necessário que a família faça parte nesse projeto de aprendizado das crianças sobre a importância de uma alimentação balanceada”, resume Célia Martins, diretora da Divisão Educação do grupo GRSA. Mudar hábitos não constitui tarefa fácil. Para a nutricionista do ambulatório de obesidade da Unifesp, a reeducação é ainda mais difícil do que a educação alimentar e, por esse motivo, as iniciativas de prevenção de sobrepeso e obesidade devem ser iniciadas antes da idade escolar e mantidas durante a infância e a adolescência, fase em que a escola desempenha papel essencial. Apesar do empenho e da persistência que o trabalho exige, a coordenadora pedagógica do Edna Roriz diz que se surpreendeu com a receptividade dos alunos. Muitos passaram a comer, por exemplo, frutas que jamais haviam provado. Maria Alice acredita que a escola possui um maior poder de convencimento do que a família. “Em casa, eles não querem comer, mas na escola estão em grupo, veem o coleguinha provando e experimentam

CARDÁPIOS COMENTADOS

A nutricionista Maria Aparecida Zannetti Passos, coordenadora do ambulatório de obesidade do centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente, do departamento de Pediatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), analisa alguns cardápios divulgados por diferentes escolas em seus sites na Internet.

Segunda-feira

Almoço: Arroz, feijão, carne moída com ovo, salada verde, suco natural e salada de frutas.

Lanche: Pão de leite com requeijão, suco Ades e maçã.

Comentário: Carne moída com ovo (errado), pois são dois alimentos proteicos. Deixe apenas a carne moída ou o ovo.

Terça-feira

Almoço: salada (acelga com tomate, beterraba com cebola, pickles e cenoura ralada), escalopinho ao molho madeira ou coxa e sobrecoxa assada, arroz e feijão ou arroz inte-

gral, arroz à piamontese, delícia de banana ou abacaxi.

Lanche: suco de laranja, minipizza e frutas.

Comentário: Deixe apenas o escalopinho ou a coxa ou sobrecoxa assada (mesma explicação anterior). Suco de laranja: faça a opção sempre pelo natural, pois o artificial é rico em sódio.

Quarta-feira

Almoço: feijão, arroz, guisado com abóbora, mostarda com ovo, salada e fruta.

Lanche: pão com doce de leite e leite com chocolate.

Comentário: Nesse dia, provavelmente haverá muita recusa por parte

também”, relata. O lema na instituição de ensino é “nunca falar que não gosta sem antes provar”. A nutricionista Maria Aparecida orienta que o mesmo alimento seja oferecido, em diferentes formas e momentos, até oito vezes para acostumar o paladar da criança ou do adolescente ao novo sabor. Somente após a negação contínua nessas tentativas é que pode ser considerado rejeitado pelo organismo. Outros dois aspectos importantes para o êxito na reeducação alimentar são a boa apresentação da comida, principalmente na educação infantil (veja na foto as bananas decoradas oferecidas no Colégio Edna Roriz), e a variedade de itens presente no cardápio. Entretanto, diversidade não significa oferecer demasiadas opções do mesmo grupo alimentar em uma refeição, pois, nesse caso, não está sendo feito um trabalho de reeducação, já que os alunos podem continuar escolhendo apenas pratos de sua preferência.

Mais Gordinhos

Um estudo coordenado pela nutricionista Maria Aparecida Zanetti Passos identificou que os índices de sobrepeso e obesidade são maiores na rede particular. A pesquisa foi realizada com 8.020 adolescentes, com idades entre 10 e 15 anos, de 43 escolas públicas e privadas de cinco regiões da cidade de São Paulo. Enquanto nas instituições públicas 23,13% dos alunos estão com quilos a mais, nas escolas particulares o número sobe para 33,2%. Os meninos também apresentam os índices mais elevados. Nas escolas públicas, 14% dos garotos estão com sobrepeso e 10% com obesidade. Já na rede privada 21% deles estão acima do peso e 18% são obesos. Segundo a pesquisadora, uma série de razões contribui para esses resultados. “Os alunos das escolas particulares sempre levam mais dinheiro para o consumo de alimentos calóricos que são vendidos nas cantinas e lanchonetes, não caminham até a escola, os pais ou responsáveis os deixam e pegam sempre na porta da escola, e permanecem mais tempo diante de computadores, TV, videogame etc.”, explica.

A Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, estabelece o emprego da alimentação saudável e adequada nas escolas da rede pública e privada, bem como a inclusão da educação alimentar e nutricional no processo de ensino e aprendizagem. Na rede pública, também é obrigatório possuir um nutricionista como responsável técnico pelo cardápio, para o repasse de verbas. Na rede privada, muitas escolas optam por terceirizar os serviços de alimentação. Segundo Vera Serra, gerente executiva regional da Nuttriclass (braço de alimentação escolar do grupo Puras), o foco principal de todas as instituições que procuram o serviço tem sido garantir a alimentação saudável aos alunos. “A preocupação maior é pelo incremento de frutas, barras de cereais, sucos naturais, saladas e alguns alimentos proteicos, como queijos e lanches simples, sempre assados ou naturais”, relata. Ao contrário do que se possa imaginar, não custa mais caro optar por um serviço que contemple uma dieta saudável. “Muitas vezes, a forma de preparo é que faz a diferença no cardápio, ou seja, trocar as frituras por alimentos cozidos ou assados é mais saudável e até mais barato”, afirma Vera. Em vários estados brasileiros vigora a lei da “cantina saudável”, que proíbe a comercialização de guloseimas, refrigerantes, salgadinhos industrializados, frituras e alimentos com alto teor de gordura. Mas, para que todas essas medidas sejam mais efetivas, o ideal é que haja uma mobilização geral de toda a sociedade contra a epidemia de obesidade, com ações conjuntas que envolvam o governo, a indústria, os meios de comunicação, a família e os educadores. Como ressalta a nutricionista da Unifesp, o quadro atual requer mudanças imediatas que não podem esperar e por que não começar pela escola? Parafraseando Maria Aparecida, enquanto muitos se perguntam que mundo deixaremos para as nossas crianças, a questão do momento é “que crianças deixaremos para o nosso mundo?”.

Extraído da revista Gestão Educacional ano 6/nº 69

das crianças, pois os alimentos selecionados, como abóbora e mostarda, possuem sabores e texturas muito característicos, que precisam ser introduzidos aos poucos. No lanche, há muito leite; nesse caso, uma boa opção seria: pão com uma rodela de tomate e carne desfiada e suco de laranja.

* Cardápio específico para alunos de Educação Infantil.

Quinta-feira

Almoço: arroz, feijão, bife de hambúrguer assado, macarrão primavera, salada (alface, tomate, cenoura cozida e beterraba ralada), *mousse* de frutas vermelhas ou gelatina de uva ou laranja.

Lanche: esfirra de carne, achocolatado, suco de polpa (uva ou limão), maçã, banana-prata, mamão picado, uva, laranja e pera.

Comentário: O hambúrguer assado é feito com a carne moída na própria cantina? Se for, seria interessante fazê-lo também com carne de frango moída, podendo adicionar gergelim, quinua etc. Retiraria o achocolatado, pois, tendo essa escolha, os alunos acabam fazendo a opção por ele. A mesma coisa com os doces: deixaria somente as frutas, sendo essas apresentadas em várias formas.

Sexta-feira

Almoço: estrogonofe de frango e batata palha, arroz e feijão, salada

(chicória, tomate, beterraba) e uva.

Lanche: suco de fruta, biscoito maisena e pera.

Comentário: Mesmo problema que o cardápio de quarta-feira: tanto a chicória quanto a beterraba têm características muito fortes. A chicória é bastante fibrosa e a beterraba solta cor. Nesse dia, melhor oferecer chicória e outra opção: alface ou acelga ou agrião ou couve. Alimentos de sabores mais marcantes só podem ser agrupados se já têm boa aceitação entre as crianças.

Observação: Para proteger a privacidade dessas escolas, optamos por não identificá-las. Os dias da semana são apenas ilustrativos.



De olho na Língua Portuguesa

Atividades com música, poesia, dança e jogos fazem com que os estudantes aprofundem o conhecimento sobre o conteúdo da disciplina

Marcela Figueiredo

Promover o letramento de maneira lúdica, estimular os alunos a realizarem pesquisas e abordar de forma diversificada as competências e habilidades previstas no currículo de cada série foram os principais objetivos da III Feira de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Governador Roberto da Silveira. A ideia de desenvolver o projeto envolvendo as disciplinas Língua Portuguesa e Literatura surgiu há três anos, quando os professores começaram a trabalhar de maneira mais intensa as linguagens não apenas como forma de expressão e comunicação, mas também como elementos constituidores de conhecimento e valores.

Dessa forma surgiu o projeto *De Olho na Língua Portuguesa*, que segundo a professora Denise Veloso “aborda de maneira diversificada assuntos relacionados aos estudos da Língua Portuguesa e Literaturas Portuguesa e Brasileira”. Apesar do nome, o trabalho recebeu também o apoio dos docentes de História e Sociologia. As atividades aconteceram em dois dias, mas, antes disso, os alunos tiveram que mergulhar fundo e pesquisar conteúdos significativos sobre os temas que deveriam apresentar durante a culminância.

O primeiro dia foi reservado para as atividades expositivas, quando os estudantes, dentro das salas de aula e nas tendas armadas no pátio do colégio, apresentaram o





conteúdo teórico do que pesquisaram e aprenderam. Verbetes, figuras de linguagem, charges, movimentos literários, origem da Língua Portuguesa, acordo ortográfico e licença poética foram alguns dos temas expostos nos cartazes feitos pelos alunos.

A segunda data foi reservada às tarefas com música, dança, teatro, jogos e poesia. Todas as intervenções deveriam levar em consideração o conteúdo das disciplinas, por isso cada música e cada poesia foram cuidadosamente selecionadas. A letra da canção “Tia Anastácia” foi escolhida para a apresentação de dança sobre literatura africana, enquanto “Tempos Perdidos” embalou o trabalho sobre figuras de linguagem. Os alunos do primeiro ano prepararam uma palestra cujo tema foi “A origem da Língua Portuguesa” e houve uma competição de soletração, organizada pelos discentes do segundo ano.

Na avaliação dos professores, o resultado da atividade não poderia ter sido melhor: “Nos surpreendemos com tamanha empolgação dos alunos. No dia dos trabalhos expositivos, todos estavam afiados e prontos para explicar sobre os temas previamente bem pesquisados”, ressalta Denise.

Colégio Estadual Governador Roberto Silveira
Av. Roberto Silveira – Éden – São João de Meriti/RJ
CEP: 25545-080
Tel.: (21) 3756-2131
E-mail: robertosilveira@click21.com.br
Direção: Denilce do Carmo e Conceição Dionísio
Fotos cedidas pela escola




Educação para sustentabilidade

Tony Carvalho

A construção do conhecimento é um caminho a ser percorrido com dedicação e constância. Muitas vezes este percurso é solitário. No entanto, são necessárias ocasiões para a partilha e o diálogo, ações que contribuem para o crescimento mútuo e a integração entre os participantes desse processo. E foi com o objetivo de constituir espaço de acesso à formação continuada para os profissionais da educação, em complemento às práticas e experiências vivenciadas no cotidiano escolar, que a Secretaria Municipal de Educação de Belford Roxo promoveu a quinta *Jornada Pedagógica* com o tema “Educação para sustentabilidade: diálogos e conexões para escola da vida”.

De acordo com a coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação, Fabiana Barbosa Ferreira, a temática fomenta o debate acerca da prática pedagógica, abordando situações de ensino-aprendizagem vivenciadas em todas as etapas e modalidades da Educação Básica. “A jornada visa proporcionar a integração dos educadores com o compromisso de ampliar os índices de qualidade que medem a educação, possibilitando a discussão e a construção de novos saberes”, justifica. Durante dois dias cerca de 4 mil professores da rede municipal participaram de palestras, mesas-redondas e oficinas, configurando-se como momento para qualificação, interação e socialização dos profissionais que atendem, diariamente, mais de 55 mil alunos nas instituições educacionais de Belford Roxo.

A *Jornada Pedagógica* contou com a parceria da Appai que, através do benefício Educação Continuada, levou para o evento os professores Lincoln Tavares e Tânia Nhary. O primeiro ministrou uma palestra com o tema “Cultura, Representações e Educação Ambiental: Confluências e Práticas Educativas”, enquanto Tânia orientou a oficina “Corpo e movimento na escola”. “Os ambientes lúdicos da escola, onde corpo e linguagem tomam forma e vida, são espaços



A 5ª Jornada Pedagógica de Belford Roxo contou com a presença de educadores da rede municipal da cidade, que puderam participar de palestras, mesas-redondas e oficinas

de produção de sentido das crianças, onde elas se defrontam com os outros, percebem o mundo em que vivem, fazem descobertas, sentem alegrias e dores, enfrentam desafios, apegos e conflitos que possibilitam uma releitura do contexto sociocultural em que estão inseridas. Tomando consciência de seu corpo, de suas possibilidades de ação e de seus limites, a criança vai evocando o sonho, a imaginação, o conhecimento, ou seja, construindo uma cultura corporal”, declara a especialista. Para Lincoln, todo encontro de educadores traz aprendizados úteis para as práticas pedagógicas. “As vezes, o professor não consegue fazer uma transposição direta, mas se no momento em que for planejar as suas práticas levar em consideração aquele conhecimento que foi colocado em discussão, certamente isso influenciará consideravelmente na relação que ele terá com o aluno”, afirma.

Michele Adum é a responsável pelo benefício Educação Continuada da Appai, através do qual são promovidas variadas ações como palestras e oficinas, com temas inerentes à área educacional. Direcionadas aos associados, elas objetivam proporcionar aos profissionais de Educação a oportunidade de entrar em contato com temas que sejam relevantes para a reflexão e a prática pedagógica. “Além das



atividades desenvolvidas na sede da Appai, a entidade também vai às escolas contribuindo com a formação continuada dos educadores, propiciando a ampliação dos seus conhecimentos e da sua prática profissional”, finaliza.

Fotos: Tony Carvalho



A partir da esquerda: Michele Adum, do benefício Educação Continuada da Appai; Fabiana Barbosa, coord. pedagógica da Secretaria de Educação de Belford Roxo; professor Lincoln Tavares; e Maria D Lourdes Ferreira, Assessora do secretário de Educação do município Hélio R. Porto



Escola e família, uma parceria de “resposta”

Claudia Sanches

Como formar um cidadão equilibrado, prepará-lo para o mercado de trabalho e enfrentar os desafios de uma sociedade consumista e competitiva? Para os educadores do Colégio Souza Lima não existe uma resposta pronta, já que não se trata de uma tarefa fácil, porém a parceria com a família é muito importante para a formação de um ser humano saudável e feliz. Em meio à crise de valores e conceitos que se modificam o tempo todo, como lidar com novas questões da humanidade?

Assim surge o projeto *Valores humanos na formação do cidadão*, desenvolvido há quatro anos na escola com alunos dos ensinos Fundamental e Médio. Com o objetivo de formar e informar estudantes e familiares para que eles sejam reprodutores de bons valores para a sociedade, educadores criaram o programa, que promove encontros com a família e atividades em conjunto para que os pais e responsáveis possam ser parceiros na educação das crianças e jovens.

A proposta do trabalho, segundo a coordenadora geral Alda Gomes, surgiu da necessidade de aproximar os responsáveis. Para ela, a nova configuração familiar e a entrada da mulher para o mercado de trabalho contribuíram para o afastamento dos pais do ambiente escolar.

“Estamos envolvendo os responsáveis nesse processo de educação. Com a nova dinâmica da sociedade e a redefinição dos papéis na família, existem pessoas que delegam à escola a função de educar seus filhos. Acreditamos nessa parceria para formar cidadãos preparados para viver nesse novo contexto, em que os pais não podem estar fisicamente muito próximos de seus filhos”, justifica a coordenadora.

Para isso o colégio propõe atividades para os estudantes e seus responsáveis, um espaço onde possam estar juntos. O trabalho acontece através de reuniões, eventos e principalmente no dia a dia por todos os tipos de contato: “Utilizamos todas as formas de comunicação disponíveis, como *e-mail*, telefone e circulares. Na ‘Gincana com a família’, realizada esse ano, pais e alunos atuaram juntos na arrecadação de mantimentos para a campanha do quilo”, conta o professor Fábio Reis.

Uma festa para a comunidade

A culminância do projeto foi uma verdadeira festa no auditório. Os visitantes conferiram uma exposição chamada “Coisas de Família”, com objetos pessoais do universo





O encontro foi um momento de aproximação entre a família e a escola. Os alunos apresentaram coreografias e slides falando sobre esse convívio. Os pais assistiram ao Policial Civil Wagner Ricardo, que falou sobre a importância de a família estar perto do jovem, da informação e dos valores: “No final eles vão tomar suas decisões”, finalizou



doméstico de cada um, e os estudantes mostraram coreografias dos alunos do Ensino Médio, coordenada pela professora de balé Vânia Reis, que emocionaram a plateia. Foi também apresentado um vídeo contando a história de Derek Redmond, um corredor que se machuca nas Olimpíadas de 1992 e, como uma questão de honra, decide ir até a linha de chegada, apesar das fortes dores. Diante de todos os espectadores, numa cena dramática, o maratonista tem o apoio de seu pai, que aceita a decisão do filho e o acompanha na pista de atletismo até o fim.

Segundo a coordenadora, o mais importante é que esse público nos dá uma boa resposta: “Os alunos se encontram mais comportados e sabem que os pais estão lá junto com a escola para os orientar. O estudante tem mais comprometimento com o ensino. Esse é um momento especial para a reflexão do nosso papel”.

Um “papo de resposta”

Depois de receberem do professor de História Fabio Dias o diploma de monitores, as turmas participaram de oficinas de artes enquanto os pais assistiram à palestra do Comissário da Polícia Civil do Rio de Janeiro Wagner Ricardo. A atividade foi promovida pelo *Papo de Resposta*, projeto voluntário desenvolvido por policiais da corporação que acreditam na prevenção do uso de entorpecentes através do diálogo.

Wagner, que conheceu o drama na própria casa, atualmente fala sobre a questão. O *Papo de Resposta* visita escolas, igrejas e associações de moradores. Na sua opinião a droga é um problema de toda a sociedade e não existe uma fórmula pronta para falar com o jovem. O projeto procura empregar a linguagem do adolescente. Através de sua experiência pessoal, Wagner aprendeu que o diálogo é a melhor abordagem para a prevenção. “Não existem verdades absolutas ou formas certas de lidar com essa realidade. Acredito que os pais devam estar próximos dos filhos, observando comportamento, alterações de rotina e, acima de tudo, mostrar que estão ao lado: ‘Onde você estiver, estarei com você para apoiar’”, afirma.

Para o Comissário, a droga é um problema da sociedade, da saúde e principalmente da educação. “Os professores

têm uma função muito maior do que ensinar os conteúdos de Geografia ou Matemática. Os jovens precisam estar bem preparados, com valores firmes, para que possam fazer as melhores escolhas. Os educadores devem ensinar esses valores, porque no final eles farão suas opções. Por isso os parâmetros são importantes”, conclui.

O caminho de volta

Antes de se deparar com o problema na família Wagner Ricardo também acreditava que o uso de drogas era um caso de polícia. O irmão caçula começou a usar drogas na adolescência. No início teve muita dificuldade para enfrentar a realidade mas conseguiu tirar o melhor proveito da dolorosa experiência. Como é comum na sua profissão, ele achava que a repressão era a referência de conduta. Porém, quando começou a entender como funciona a dependência química, compreendeu que aquele não era o caminho.

Na palestra, Wagner alertou os pais para a prevenção, já que o tratamento é muito difícil. “Cansei de lutar contra a droga e descobri que é impossível através da força, pois a pessoa fica indomável sob o efeito dos entorpecentes. Desisti de ‘remar contra a maré’ e então resolvi oferecer ajuda ao meu irmão, já muito doente: ‘Quando precisar de mim estarei ao seu lado’. E assim estive junto dele nos piores momentos até que um dia ele pediu ajuda e eu estendi a mão. Felizmente ele foi para uma clínica de recuperação e está limpo há três anos. Não existe uma fórmula, mas, como ouvimos aqui, estar perto do jovem é fundamental”.

Colégio Souza Lima
Rua General Sezefredo, 646 – Realengo – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21715-061
Tel.: (21) 3331-0082
E-mail: mantenedora@colegiosouzalima.com.br
Direção: Carmen Bacelar
Fotos: Marcelo Ávila



Escola comemora uma década de trabalho

A escola através do olhar
dos alunos

Claudia Sanches

Recordar é viver. É aprender. Na Escola Municipal Vereador Orlando Hungria a mostra interdisciplinar de trabalhos contemplou todas as disciplinas e comemorou uma década da existência da instituição com o tema *Dez anos da escola Orlando Hungria*. Desenvolvido com o 1º e 2º segmentos do Ensino Fundamental, estudantes e educadores celebram dez anos de trabalho com projetos pedagógicos.

A professora de Ciências Alexandra Maia do 7º e 8º anos acredita que essas atividades trazem bastante integração entre as matérias, turmas e comunidade e motivam o processo de aprendizagem: “O trabalho em equipes estimula a curiosidade já que faz os alunos se empenharem; eles pesquisam, participam de todas as etapas, e aqueles mais agitados ou com dificuldades de aprendizagem se destacam, porque gostam de chamar atenção, de modo que o projeto se torna uma chance para que eles apareçam produzindo”, explica a docente.

A diretora do colégio Marta Felix confirma a tese da professora. Para ela essa é uma forma alternativa de trabalhar que evolui com o tempo. “Atualmente eles já se organizam sozinhos, se dividem em grupos e decidem como vão desenvolver seus temas de forma espontânea, enfim, se tornam independentes”, confirma.

Durante a apresentação algumas experiências foram repetidas, e trabalhos dos anos anteriores foram expostos ao lado dos projetos desse semestre. Na abertura os estudantes apresentaram uma coreografia a partir da música Aquarela do Brasil, de Ary Barroso. Crianças de diferentes segmentos se vestiram com as cores do Brasil e formaram no pátio a bandeira do país.

A professora de Ciências Raquel Soares, que já desenvolve um trabalho ao longo de alguns anos, explorou a transformação dos alimentos através da compostagem, utilizando os resíduos da própria escola e alguns levados pelos alunos. Outro tema foi a coleta seletiva, desde os tipos de lixo até a separação por cores. Com as turmas do 8º ano, Raquel trabalhou em parceria com o professor Jorge, de Matemática, que auxiliou nos cálculos do Índice de Massa Corporal (IMC). Muitos visitantes e alunos verificaram suas medidas, analisaram seus estilos de vida, alimentação, atividade física regular e conheceram os riscos de uma vida sedentária. Segundo a professora, muitos adultos apresentaram sintomas como fadiga e palpitações indicando a necessidade de procurar um médico. Houve também um ecossistema em forma de maquetes, que acabou ganhando bastante destaque entre os visitantes.

As docentes Blina Maciel e Denise, do 4º ano, desenvolveram, com pintura em tela, o tema “Minha escola é dez”, referência ao aniversário da instituição. Através dessa forma de expressão os estudantes puderam participar relatando o que consideravam 10 no seu colégio. Não deu outra: retrataram a sala de informática, o refeitório e alguns professores. Com “A linha do tempo”, fizeram uma exposição com fotos desde a fundação até os dias atuais, e as transformações despertavam a curiosidade dos visitantes.

Outra atração interessante foi o “Varal Literário”, que faz parte do programa de leitura “Eu li, eu recomendo”, realizado em sala de aula, no qual o aluno indica a um amigo o livro que leu. No mural também tematizaram “Os dez anos da Orlando Hungria”, através de textos poéticos, e apresentando seus pontos de vista sobre o que é a escola para eles. Na oficina de artes os estudantes utilizaram bastante sucata e criatividade para confeccionar objetos úteis para o dia a dia das pessoas. Com o tema “folclore” exploraram



Projetos são um diferencial no trabalho da escola, que articula alunos, disciplinas e professores na sala de aula e durante a apresentação dos trabalhos e coreografias



as dobraduras, que também foram expostas ao público.

Segundo a Coordenadora Pedagógica Kelly Alfano, o projeto foi uma oportunidade de os alunos se expressarem, mostrando a sua visão sobre a escola. Eles colocaram o que sentem pela instituição desde a parte física até a pedagógica. Na opinião da Orientadora Pedagógica Ana Paula Meirelles, os objetivos do projeto foram alcançados: “A proposta de articulação das turmas foi muito bem-sucedida, já que houve participação dos pais. O projeto dá sustentação ao conteúdo programático que o docente tem que alcançar. Essas atividades são o nosso diferencial”, finaliza.

Escola Municipal Vereador Orlando Hungria
Rua Eliseu Alvarenga, 384 – Olinda – Nilópolis/RJ
CEP: 26510-365
Tel.: (21) 2660-9464
E-mail: emorlandohungria@nilopolis.rj.gov.br
Diretora: Marta Felix
Fotos: Marcelo Ávila



Despertando sentidos e descobertas

Projeto mostra as muitas maneiras de trabalhar na Educação Infantil

Claudia Sanches

Bebês de apenas um ano interpretando o Bumba meu boi, representando o norte do país. Um outro grupo de dois a três anos apresenta a dança do pezinho, da Região Sul. E outra turma, de três e quatro, dançando um frevo de Elba Ramalho. Tudo isso foi a festa de

abertura da Feira Cultural, parte do projeto *Uma incrível viagem pela cultura do Brasil*, realizado no Espaço de Desenvolvimento Infantil José Iphim Mindlin, que recebe uma clientela de estudantes de zero a quatro anos.

Uma confraternização para os pequenos e suas famílias que impressiona e encanta. Além da alegria dos responsáveis e da molecada, se destaca a quantidade de estímulos recebidos pelas crianças. O projeto começou com uma conversa com os pais, que foram convocados para colaborar com todas as fases do trabalho, desde as atividades em sala e divisão de tarefas até a confecção das iguarias servidas durante a culminância. Dividido o tema “Regiões do Brasil” pelas turmas, as professoras

Salas foram transformadas em cantinhos do Brasil: música e arte para explorar coordenação motora, sensações e sentidos



abordavam a questão durante as rodinhas diárias: cada dia se apresentava um elemento referente a um local e se explorava ao máximo a temática para atingir objetivos pedagógicos, com destaque para as diversas formas de expressão artística. As salas de aula foram transformadas em verdadeiros cantinhos do Brasil.

De acordo com a diretora Sileri Cavaleri, o projeto é focado no resgate das tradições: "Não só para os filhos mas também para os pais, já que nos dias de hoje as pessoas se esquecem de brincar com eles. No trabalho recuperamos as cantigas de roda e cirandas, e trouxemos as referências para que essa cultura, o folclore, comidas típicas etc. fossem

revividos pelos pais, que tiveram como dever de casa que ensinar para os filhos uma brincadeira de sua infância", explica. "Os responsáveis contribuíram muito; alguns são migrantes e levaram um pouco da sua origem para a escola", confirma a professora Rafaela Lucki.

Por dentro das tradições do Brasil

Com a região Centro-Oeste a professora Rafaela utilizou elementos da fauna local, como o jacaré, que foi confeccionado em papel jornal, ou o boto-cor-de-rosa, que acabou retratado em um painel, de forma que os alunos puderam desenvolver várias atividades de artes. Segundo Rafaela, apesar da pouca

idade, as crianças assimilaram as ideias e conceitos, já identificam as músicas sertanejas e associam os bichos ao seu local quando veem algum desenho, além de trazerem informações para as aulas e as levarem para a casa.

A partir da região Sudeste a turma trabalhou com experimentos musicais, como parlendas, brincadeiras como amarelinha e algumas conhecidas lendas: "Eles contam a história toda do Saci, de forma que foi possível estimular bastante a oralidade", diz a docente Transcisleine de Oliveira. Ao som de marchinhas carnavalescas os pais degustaram uma feijoada oferecida pela escola.

Educadores do berçário I também aproveitaram as lendas regionais do Norte, como a do Boitatá, e confeccionaram muitas formas coloridas, desenhos pintados pelos alunos com o dedo: "Aproveitamos a música e a arte para explorar as sensações", diz a professora Liliane de Sousa, que aponta as várias obras feitas por eles. "Os estudantes também brincaram de Bumba meu boi e construíram tambores e chocalhos com latas de leite, instrumentos muito adequados à faixa etária do grupo". Para a degustação, pais e docentes tiveram que trabalhar bastante para encontrar frutas exóticas como o cupuaçu e o murici, pouco conhecidas no Sudeste: "Os visitantes ficaram muito curiosos para participar das experiências gastronômicas e conferir as produções dos artistas", conta a outra professora, Carmen Lucia. O pequeno Bryan, de apenas um ano, comia açaí com seus pais durante a confraternização: "Tenho muito orgulho de estar fazendo parte dessa festa e juntos aprendemos bastante sobre nosso país", diz a mãe Jayne Gonçalves.

O grupo da região Nordeste trabalhou com Luiz Gonzaga e o frevo, se destacando pelo chapeuzinho do carnaval do Recife, todo feito com material reciclado, além de muito colorido, retalho e histórias exploradas no dia a dia. Os pais levaram baião de dois para oferecer aos visitantes. Kellen Camargo, mãe de Kauã, de quatro anos, apreciava o filho comendo o prato típico: "Ele gosta de tudo, conhece os



alimentos aqui e pede para a gente fazer em casa, conta a mãe, provando que a educação alimentar começa na escola, onde sempre há a oportunidade de se consumir uma variedade de legumes e vegetais: Kauã come de tudo, até quiabo e jiló”, garante ela.

As educadoras que desenvolveram o tema da região Sul também fizeram muitas descobertas com a turma do maternal I. A partir da tradição da Festa da Uva, os alunos ouviram muitas histórias fizeram várias experimentações. A professora Myrcia Black conta que a primeira atividade foi a contação das lendas ou tradições. Na sequência partiu para o concreto: “As crianças brincaram com a caixa-surpresa e manusearam a uva, com os professores, depois da apresentação, reproduzindo a confecção do vinho de forma artesanal”. Todos pisaram nas frutas simulando como se faz o suco de uva e o vinho, uma ótima oportunidade para explorar as sensações, como o medo, e identificar as texturas. “Até a diretora participou da atividade”, conta Myrcia, que levou também a erva-mate, com sua respectiva lenda de origem indígena, da qual fizeram o chá e a degustação.

Segundo Sileri, essas vivências são fundamentais porque crianças nessa faixa etária são muito curiosas e querem entender como o mundo funciona: “Eles são curiosos por natureza e devemos trabalhar para que isso permaneça ao longo da infância e da vida. Através desse projeto os próprios educadores obtiveram muitas descobertas durante o trabalho, despertando seus sentidos para o grande desafio que é formar seres humanos”, conclui.

Neurociência e Pedagogia

A creche não é apenas um lugar para a mãe que trabalha deixar seus filhos, mas um espaço para que eles se desenvolvam e se preparem para a aprendizagem. Nos últimos anos a Pedagogia ganhou uma grande aliada, a Neurociência. Afirmam estudos mais recentes sobre o desenvolvimento cerebral que é na primeira infância, até os 6 anos, que o cérebro está mais aberto ao aprendizado. Segundo a neurocientista Suzana Herculano-Houzel, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aos 8 meses o bebê possui 600 bilhões de sinapses, as conexões entre os neurônios que permitem a propagação dos impulsos nervosos. Na idade adulta se chegará a 350 bilhões. A quantidade de neurônios não é sinal de inteligência superior mas de mais caminhos para a aprendizagem. As pesquisas comprovam a Educação Infantil como algo decisivo na vida escolar do jovem. Os estímulos que a criança receber do ambiente vão definir o seu desenvolvimento.

Espaço Educacional José Iphim Mindlin
Rua Q, s/nº – Senador Camará – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21842-716
Tel.: (21) 3332-4766
E-mail: josemindlin@rioeduca.net
Direção: Sileri Cavalieri
Fotos: Marcelo Ávila

Para e lê

Projeto aproxima, de forma agradável, a criança do mundo letrado

Claudia Sanches

Muitos esforços têm sido feitos no sentido de formar uma geração de leitores ou de pessoas que leiam por prazer. Em meio a esse debate, alguns educadores criam seus métodos de incentivo à leitura a fim de ampliar a visão de mundo dos pequenos. Um exemplo de práticas bem-sucedidas são as experiências realizadas na Escola Municipal Orestes Bernardo Cabral, em Vila de Cava, zona rural de Nova Iguaçu, com alunos do 1º segmento do Ensino Fundamental.

A proposta é bem definida: levar crianças e jovens a perceberem o ato de ler como uma coisa prazerosa. A escola sentiu necessidade de otimizar a aprendizagem e incentivar a leitura de uma maneira que estimulasse também o professor. Com iniciativa de um programa da prefeitura, a instituição criou, há quatro anos, dois projetos: o *Para e lê* e o *Jornal Mural Orestes em Ação*.

Orientadas pela pedagoga Mônica Palucio, as duas atividades foram desenvolvidas para todas as turmas da escola com a proposta de criar um espaço de leitura por prazer. A ideia de produzir um jornal foi apontada pela necessidade de contextualizar a escrita.

O primeiro desafio do trabalho foi preparar os educadores, também público-alvo do programa: "Muitos docentes não possuem esse hábito, e precisamos começar pelos incentivadores. A tarefa acaba motivando esses professores a ler porque é necessário que eles pesquisem para preparar o material", explica Mônica.

Através do diálogo o corpo docente aderiu à proposta de forma criativa e comprometida.

O *Para e lê* consiste em toda quarta-feira disponibilizar um espaço exclusivo para a realização de uma atividade lúdica, como contação de histórias, teatro ou música, que enfoque a Literatura como algo prazeroso e divertido.

Daí surgiu o *Para e lê especial* criado pelos próprios alunos. Uma vez por mês uma turma propõe uma peça ou brincadeira para toda a escola. Cada apresentação se ocupa de um tema especial, como foi o caso do dia do folclore, em que os estudantes representaram as cantigas de roda, assim como na semana de campanha pelo trânsito e no centenário de Monteiro Lobato.

O Jornal foi idealizado para mobilizar o corpo estudantil e trabalhar a produção textual além de conscientizar quanto à função social da escrita.

Mônica destaca a ne-





Ler é a maior diversão na escola Orestes Cabral. Uma vez na semana todas as atividades são interrompidas para a realização de tarefas ligadas à leitura. Alunos e professores se aproximam mais do mundo letrado e dos prazeres da literatura



cessidade constante de pesquisa para atualizar o periódico. Os professores organizaram um concurso para criar o nome do veículo mensal, que foi se modernizando ao longo dos anos para conservar o interesse e a participação dos alunos.

Atualmente são editados os cadernos "Destaque local", "Dicas para o dia a dia", "Entrevista", "Esporte e saúde", "Homenagem ao autor", "Passatempo", "Receitas", "Tá bombando na rede" e "Top das paradas musicais". Cada um é atualizado quinzenalmente, sendo em seguida exposto em murais nas instalações da unidade.

Os projetos contaram com apoio da orientação da equipe pedagógica e da direção. Segundo Mônica, a leitura hoje é um deleite para as crianças dessa localidade carente, e os programas são organizados de forma a se completarem: "Dá trabalho, mas quando vemos o colegiado interagindo e se apoderando de tudo que é escrito ficamos contentes, pois notamos que eles vão se tornando autores críticos". "Vale a pena", concorda a professora Regiane Cabral.

O diretor André Luiz Abreu acredita que o ato de ler cria um sentimento saudável em relação ao mundo da escrita, aproximando essa criança, de forma agradável, da cultura letrada. Todas as semanas as atividades do colégio são interrompidas para que se possa fazer uso da leitura por puro prazer: jornais, livros e revistas são lidos para incentivo e instrumentalização, a partir de estratégias, sem cobranças de tarefas regulares. Os textos são selecionados a partir da escolha dos alunos para garantir a presença dos diferentes gostos e interesses.

Para Mônica a grande adesão aos projetos já significa um ótimo retorno do trabalho, que ampliou a comunicação entre os grupos. A aluna Giulia escreveu um livro e espera um patrocinador para publicá-lo, enquanto algumas crianças aguardam com ansiedade o momento de visita à biblioteca comunitária, que acontece uma vez no mês: "O centro comunitário fica há cinco minutos do colégio mas parece um grande passeio. Alguns alunos com dificuldades de aprendizagem se alfabetizaram com esse trabalho e houve incríveis casos de superação, como o de uma aluna muito tímida, que não lia em voz alta, e hoje é uma narradora de grande fluência, além de também cantar e dançar, mostrando que se libertou de seus medos", comemora Mônica.

Escola Municipal Orestes Bernardo Cabral
Rua Cândido, 117 – Vila de Cava – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26052-500
Tel.: (21) 3759-0936
E-mail: emorestesbernardocabral@gmail.com
Diretor: André Luiz Abreu
Fotos cedidas pela escola



Revista Appai Educar
Veículo de Apoio ao
Profissional de Educação



Seguro de Vida em
Grupo e de Acidente
Pessoal Coletivo



Serviço Social



Benefício
Educação Continuada
Ciclo de Palestras e Oficinas



Benefício Assistência
Flex Domiciliar



Benefício Médico
Ambulatorial Básico
Sem Internação
Atendimento limitado a alguns
exames, procedimentos
e especialidades

A Appai parabeniza,
reconhece e agradece
o valor do seu trabalho.



15 de Outubro,
Dia do Professor!



Jurídico



Benefício
Dança de Salão
Atividade Recreativa



Seguro para a
Cobertura de Algumas
Doenças Graves



Assistência Funeral



Benefício Odontológico
Ambulatorial Básico
Atendimento limitado a alguns
exames, procedimentos
e especialidades



Benefício BemViver
Caminhadas e Corridas

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais)

◆ Plano Hospitalar Coletivo ◆ Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.




*Ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

*A opção do desconto em folha estará disponível apenas para as Instituições que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.

Siga-nos nas mídias sociais:   



Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro
Rua Senador Dantas, 117 – sobreloja 211 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – CEP 20031-911

 (21) 3983-3200  appai.org.br  faleconosco@appai.org.br

ANS - Nº 38254-0

